

# Construir Sobre o Construído

O Conjunto Arquitetónico de Porto Brandão: O *Lazareto Novo*

João Francisco de Azevedo Fernandes Mendonça Santos

Dissertação e Projecto para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Coorientadora: Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Lisboa, FAUL, Fevereiro 2019

João Francisco de Azevedo Fernandes Mendonça Santos

Dissertação e Projecto para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Coorientadora: Professora Doutora Maria Teresa Salgueiro Vasconcelos e Sá

Lisboa, FAUL, Fevereiro 2019



## Agradecimentos

Quero, num primeiro momento agradecer aos meus orientadores, professora Teresa Sá e professor Paulo Almeida, pelo vontade e disponibilidade indispensáveis a este trabalho.

Quero agradecer aos meus irmãos, ao Álvaro e em especial há minha mãe, por toda a paciência que tiveram assim como por todo o apoio ao longo do trabalho.

Agradeço à Andreia e aos meus amigos por todo o apoio e firmeza. Em especial agradeço ao André Pires, pelo vídeo da vista aérea do objeto de estudo e por ter tornado possível a vista ao terreno quando tudo parecia perdido.

Por fim quero deixar um agradecimento muito especial a uma pessoa, que embora já não estando presente, sempre me aconselhou pelo melhor. Deixo então um grande agradecimento ao meu pai por todos os ensinamentos e por nunca me permitir esquecer os objetivos de vida.





## Resumo

Esta investigação foi ganhando forma a partir de um questionamento relativamente a todo o património deixado ao abandono, sendo facilmente visível na paisagem da frente ribeirinha sul marcada pelo desdém com que inúmeros edifícios foram sendo esquecidos e devorados pela natureza. Encontrámos no Forte de São Sebastião, de Caparica, no *Lazareto Novo* e as demais volumetrias o mote para contrariar esta polarização Norte-Sul, que ainda hoje é sentida no Tejo.

Ao longo do trabalho de investigação chegou-se à conclusão que estes fragmentos são na realidade pedaços da nossa história e que muitos deles ainda muito têm para *contar*. Procurámos, tendo em conta a importância dos sentidos na relação com o espaço, manter a memória do lugar. É com estas ideias que avançamos rumo a um processo de reabilitação do espaço em ruínas, não querendo que este se transforme num mero museu expectante, mas sim que tenha uma nova função na sociedade que responda às necessidades actuais da população, caso contrário voltará facilmente a cair em desuso. Partindo desta ideia realizámos uma reabilitação procurando sempre a conjugação entre o antigo e o novo.

Procurando apoio em alguns conceitos de grande e pequena escala, respetivamente, a Acupuntura Urbana e a Flexibilidade na habitação, em conjunto com uma vontade de preservar a ambiência local, foi possível, implementar um novo rumo a Porto Brandão. Um lugar onde o espaço público, procura ser um elemento conector entre utilizador, natureza e cultura, ao mesmo tempo que a Faculdade que na ruína se instala, procura ser um impulsionador da renovação económica, demográfica e social daquele espaço.

Palavras-Chave: Ruínas; Sentidos; Acupuntura Urbana; Porto Brandão



## **Abstract**

The present investigation was shaped having in mind all the heritage left abandoned, easily sensed in the landscape of the Southern riverside. Marked by the disregard numerous buildings look like they've been forgotten, some of them devoured by nature. The Forte de São Sebastião de Caparica, the Lazareto Novo and the remaining blocks appeared to us as the back-bone able to counter the North-South polarization still felt today in the Tagus River.

Throughout the research we came to the conclusion that these fragments are actually pieces of our history and that many of them still have much to tell. In regard to the importance of the senses and the way they influence our perception of space, we have tried to maintain the memory of the place. It is with these concepts that we move towards a process of rehabilitation of the ruined space, not wanting it to become a mere museum of expectation, but giving it has a new function towards society that responds to the present needs of the population, otherwise it will easily fall into disuse again. Starting from this awareness we designed a rehabilitation having always in mind the conjugation between the old and the new.

Supporting our thoughts in some large and small scale concepts, respectively, Urban Acupuncture and Flexibility in housing, together with a desire to preserve the local ambience, it was possible to implement a new path to Porto Brandão. A place where public space, seeks to be a connecting element between user, nature and culture, while the Faculty installed on its ruins, seeks to be an economic, demographic and social booster of that space.

Key-Words: Ruins; Senses; Urban Acupuncture; Porto Brandão



# Índice

Agradecimentos .....	4
Resumo .....	6
Abstract .....	8
Índice .....	10
Índice de Figuras .....	13
Índice de Siglas .....	18
Introdução .....	19

## Cap. I

O Corpo, a Mente e o Espaço .....	24
Introdução .....	25
Pensando sobre: Ruína e as Sensações .....	26
Ruína: preservar ou destruir .....	30
Renovar a partir do <i>Genius loci</i> .....	32
Arquitetura e Atualidade: Na procura de Respostas .....	34
Síntese de Conteúdo .....	37

## Cap. II

Compreendendo Almada .....	38
Introdução .....	39
Enquadramento, Localização e Contextualização .....	41
Síntese de Conteúdo .....	47

## Cap. III

Projetos Referência .....	48
Introdução .....	49
Astley Castle .....	50
Convento de Santa Maria do Bouro .....	51
Palácio Reichstag – Parlamento da Alemanha .....	52
Herdade do Rocim .....	54
Síntese de Conteúdo .....	57

## Cap. IV

Objetivos e Programa.....	58
Introdução.....	59
<i>A Lista</i> .....	60
1 – Cova do Vapor.....	63
2 – Segundo Torrão.....	64
3 – Torre São Sebastião de Caparica   Lazareto Novo .....	65
4 – Quinta da Palença .....	66
5 – Quinda da Arealva .....	67
6 – LISNAVE .....	68
O Caso Porto Brandão.....	69
O Porto Brandão, a <i>Torre Velha</i> e o <i>Lazareto Novo</i> .....	70
O Programa e os Objetivos.....	75
 Conclusão .....	 92
Bibliografia.....	95
Anexos .....	99
Índice de Anexos .....	100





# Índice de Figuras

Figura 1 – Fotografia, Arquitetura e Dança, Tada, T. A., 2017, fonte: <https://issuu.com/thaisakemitada/docs/finally>

Figura 2 – Fotografia, Interior Biblioteca Nacional Francesa, 2016, fonte: do autor

Figura 3 – Fotografia, Maquete Biblioteca Nacional Francesa, 2016, fonte: do autor

Figura 4 – Fotografia, Vista Varanda Biblioteca Nacional Francesa, 2016, fonte: do autor

Figura 5 – Fotografia, Vista Aérea Tejo, 2018, fonte: Google Earth

Figura 6 – Composição Fotográfica, Ortofotomapas Localização da Área de Intervenção, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 7 – Gravura, Transações no Tejo, Lisboa, 1704, fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Figura 8 – Cartografia, Planta Almada e Lisboa, 1710, fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Figura 9 – Cartografia, Planta Margem Sul, 1811, fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Figura 10 – Cartografia, Planta Almada, Cacilhas, 1883, fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/06/o-corredor-do-ginjal.html>

Figura 11 – Composição Fotográfica, [esq] Castelo Astley, Vista Interior, 2013 e [drt] Convento de Santa Maria do Bouro, Vista Pátio, 2015 fonte: [esq] <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/> [drt] <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

Figura 12 – Fotográfica, Castelo Astley, Vista Interior, 2013 fonte: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>

Figura 13 – Fotográfica, Castelo Astley, Vista Exterior, 2013 fonte: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>

Figura 14 – Fotográfica, Castelo Astley, Vista Interior, 2013 fonte: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>

Figura 15 – Fotográfica, Castelo Astley, Vista Exterior, 2013 fonte: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>

Figura 16 – Fotografia, Convento de Santa Maria do Bouro, Espelho de Agua, 2015 fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

Figura 17 – Fotografia, Convento de Santa Maria do Bouro, Vista Interior, 2015 fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

Figura 18 – Fotografia, Convento de Santa Maria do Bouro, Pormenor Porta Lateral, 2015 fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

Figura 19 – Fotografia, Convento de Santa Maria do Bouro, Vista Pátio, 2015 fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

Figura 20 – Fotografia, Reichstag, Fotografia após incêndio, 2018, fonte: do autor.

Figura 21 – Fotografia, Reichstag, Vista Interior Cúpula, 2018, fonte: do autor.

Figura 22 – Fotografia, Reichstag, Entrada de Luz do Parlamento, 2018 fonte: do autor.

Figura 23 – Fotografia, Reichstag, Vista Exterior, 2018, fonte: do autor.

Figura 24 – Fotografia, Vista Frontal, Herdade do Rocim, 2016, fonte: do autor

Figura 25 – Fotografia, Entrada, Herdade do Rocim, 2016, fonte: do autor

Figura 26 – Fotografia, Pormenor Aduela, Herdade do Rocim, 2016, fonte: do autor

Figura 27 – Fotografia, Pormenor Materialidade, Herdade do Rocim, 2016, fonte: do autor

Figura 28 – Ortofotomapa, Porto Brandão, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 29 – Ortofotomapa, Concelho de Almada, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 30 – Esquema Ortofotomapa, *Modo Operandis*, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 31 – Ortofotomapa, Cova do Vapor, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 32 – Ortofotomapa, 2º Torrão, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 33 – Ortofotomapa, Conjunto Arquitetónico do Porto Brandão, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 34 – Ortofotomapa, Quinta da Palença, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 35 – Ortofotomapa, Quinta da Arealva, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 36 – Ortofotomapa, Lisnave, 2018, fonte: Bing Maps

Figura 37 – Modelação Geométrica, Vista Aérea Porto Brandão, 2018, fonte: do autor

Figura 38 – Fotografia, Vista Aérea do Porto Brandão, 2017, fonte: do autor

Figura 39 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, 2017, fonte: C.M. Almada

Figura 40 – Planta, Forte São Sebastião de Caparica, 2017, fonte: C.M. Almada

Figura 41 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, 2017, fonte: C.M. Almada

Figura 42 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, Percurso, 2011, fonte: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605>

Figura 43 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, Vista Pátio, 2011, fonte: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605>

Figura 44 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, Vista Exterior, 2011, fonte: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605>

Figura 45 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, Entrada, 2011, fonte: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605>

Figura 46 – Fotografia, Forte São Sebastião de Caparica, Percurso, 2011, fonte: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605>

Figura 47 – Fotografia, Antiga Sede da Cooperativa dos Catraeiros, 2017, fonte: do autor

Figura 48 – Fotografia, Rua Bento Jesus Caraça, 2007, fonte: Porto Brandão: Terra e Tejo, Centro de Arqueologia de Almada

Figura 49 – Composição Fotográfica, Visita ao *Lazareto Novo*, 2017, fonte: do autor

Figura 50 – Fotomontagem, [1] Alçado Frontal, Asilo 28 de Maio, 2017, fonte: SIPA [2] Fotografia, Pormenor Guarda, 2017, fonte: do autor [3] Planta Piso -1, Asilo 28 de Maio, 2017, fonte: SIPA [4] Fotografia, Pormenor Chão Cerâmico, 2017, fonte: do autor

Figura 51 – Fotografia, Pormenor Chão Cerâmico, 2018, fonte: do autor

Figura 52 – Modelação Geométrica, Vista Aérea Proposta Porto Brandão, 2019, fonte: do autor

Figura 53 – Modelação Geométrica, Axonometria Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 54 – Conjunto de Modelações Geométricas, Vistas Aéreas Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 55 – Vista Topo, Indicação Cortes Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 56 – Modelação Geométrica, Corte Perspetivado AA' Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 57 – Modelação Geométrica, Corte Perspetivado BB' Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 58 – Modelação Geométrica, Corte Perspetivado CC' Proposta, 2019, fonte: do autor

Figura 59 – Modelação Geométrica, Corte Perspetivado DD' Proposta, 2019, fonte: do autor



## **Índice de Siglas**

AUGI's – Áreas Urbanas de Génese Ilegal

C.A.A. – Centro de Arqueologia de Almada

C.M. Almada – Câmara Municipal de Almada

SIPA – Sistema de Informação do Património Arquitectónico

A.M.L. Norte e Sul – Área Metropolitana de Lisboa Norte e Sul

NTI – Novas Tecnologias de Informação

# Introdução

Este trabalho iniciou-se numa lembrança de criança, navegando pelas águas do Tejo, onde de ano para ano, a caminho da apanha da conquinha, a paisagem da Margem Sul surge contrastante com a de Lisboa e se foi cravando na minha memória. Os seus terrenos escarpados de natureza abundante, as ruínas, os espaços degradados e os vazios, entravam em conflito com as densas áreas industriais que nos anos 90 se faziam sentir ao longo de toda a margem. Sendo óbvia a desconsideração para com a frente ribeirinha Sul, constatada pelo desdém com que inúmeros edifícios foram sendo esquecidos e devorados pela natureza, procurámos no Forte de São Sebastião de Caparica uma forma para contrariar esta polarização Norte-Sul, que ainda hoje é sentida no Tejo.

É assim, que o Abandono e o despeito pelo património edificado surge, a partir de uma leitura do território nacional, como mote deste trabalho. Procuraremos ao longo desta dissertação entender este problema que tanto afeta o nosso país, compreendendo o que leva ao desuso de um edificado construído e de que forma pode ser reativado.

Com intuito de melhor explorar esta temática, o trabalho tomou como objeto de estudo o Porto Brandão. Uma localidade em Almada, na Margem Sul, que parece estagnada no tempo, uma verdadeira cidade fantasma. Para esse efeito, coube-nos compreender este local através da sua história e das suas vivências. No entanto, dois outros elementos surgiram nesta equação. As ruínas e a natureza são, em conjunto com a vivência humana e cada qual de sua forma, responsáveis pela ambiência sentida neste espaço. Uma particularidade deste local que procuramos ao longo destas páginas explorar.

Partindo de uma abordagem teórica onde trabalhamos um conjunto de conceitos: reabilitação, flexibilidade, sentidos, memória, entre outros, e da análise de alguns projectos de referência, tencionamos dar respostas concretas a esta problemática atual. Este trabalho assumiu desde cedo uma forte ligação entre a base teórica e o objeto de estudo, procurando sempre uma relação coerente entre as duas fases do trabalho, teórico e prático.

Iniciámos uma leitura da Margem Sul, de onde emergiu a *Lista* – um conjunto de edifícios onde o controlo foi perdido: edifícios devolutos, ruínas e até mesmo construções ilegais. Um conjunto de espaços que se mostraram importantes para uma futura revitalização desta frente ribeirinha Sul. No seguimento da *Lista*, aportamos no Porto Brandão onde rapidamente nos encantamos pela nostálgica ambiência do seu elemento mais marcante na paisagem, o

*Lazareto Novo*. Com este edificado como base de trabalho, a ambiência, a natureza e a memória ganharam aqui uma importância idêntica. A memória surge aqui como um tema fundamental no entendimento, não só do construído como do que se irá construir. Nesta fase exploramos alguns autores como Françoise Choay, que nos ajudou a compreender as questões do património através de Ruskin e Viollete-le-Duc, ou como Juhani Pallasma e Edward T. Hall, que por sua vez nos encaminharam para um desenho mais abrangente tendo em conta todos os sentidos, procurando, não só, explorar ao máximo a ambiência do espaço, como procurando diferentes formas de experienciar a arquitetura. Mais recentemente exploramos a reflexão de Hugo Farias sobre flexibilidade na arquitetura compreendendo de que forma este se mostra um conceito plausível na reabilitação tendo em conta a sociedade na qual nos inserimos.

Num segundo momento olhámos Almada através da sua história, do seu património e das vivências dos seus habitantes tendo como referência principal as palavras de Alexandre M. Flores e com apoio de alguma cartografia, que nos permitiu entender melhor as suas origens e a elevação a cidade. Tal feito, ajudou-nos a perceber de que forma aquela zona se relaciona com o seu edificado por memórias que parecem hoje caídas no esquecimento. De fato, a análise documental foi importante para a leitura do património edificado ao abandono, mas foi, sobretudo a observação no local que nos permitiu dar atenção a muitas das particularidades correspondentes a cada elemento. Nesta fase do trabalho muitos dos conceitos que até então se mostravam confusos começaram a ganhar forma. Estas ruínas são páginas na história de Almada e algumas delas com importância a nível nacional. São memórias que se espalham pelo alçado da Margem Sul do Tejo que, pouco a pouco, vão caindo no esquecimento, algumas engolidas pela natureza outras deteriorando a sua envolvente.

O Conjunto Arquitetónico do Forte de São Sebastião de Caparica é então assumido como objeto de estudo num terceiro momento procurando nele a resposta ao problema de despovoamento sentido no Porto Brandão como forma de iniciar uma revitalização do local. Entendendo as transformações económicas, sociais e tecnológicas da sociedade actual, identificadas por Hugo Farias, procuramos um novo rumo, para este edificado, nesta nova era. Focando, por fim, a nossa proposta de intervenção no Lazareto. Nesta fase, os estudos de Hugo Farias sobre flexibilidade revelaram-se fundamentais para o desenho do espaço, da mesma forma o Despacho Normativo nº 27/99, disponibilizado pelo ministério de educação, se mostrou um elemento fulcral tanto no desenvolvimento do programa como na sua influência no desenho do espaço. O trabalho culmina assim numa estratégia conceptual assente neste



conceito de flexibilidade e na forma como este se molda na ruína e na sociedade, permitindo uma atualização do edificado e mais que isso, fornecendo as ferramentas necessárias para viabilizar essa atualização. É trabalhando em volta da questão da temporalidade que este estudo se focaliza.

## **Objetivos**

Esta dissertação tem como principal objetivo a procura de respostas para todo o tipo de património edificado que se encontra ao abandono em todo o território, compreendendo de que forma se poderá intervir nestes pedaços de história, sem despeito, mas prevendo um futuro oscilante. Com a finalidade de atingir tal objetivo procura-se também dar ênfase à necessidade de intervir em localidades como o Porto Brandão, onde através do estudo da outra margem – a sua história, as suas vivências e o seu património – procura-se quebrar com a ideia pré-concebida relativamente à Margem Sul. Assim como procura contribuir para a discussão em torno destes edificados – Preservar ou Destruir.

## **Metodologia**

Ao longo deste trabalho utilizámos um conjunto de técnicas quantitativas (análise estatística e cartográfica) e qualitativas (observação no terreno, análise de conteúdo, entrevistas informais) que nos foram permitindo ir conhecendo o território, a sua história, as suas vivências passadas e futuras. Relativamente à análise documental, fez-se uma revisão literária – tendo por base livros, artigos, estudos, cartografias, entre outros – a fim de melhor entender as várias questões subjacentes ao trabalho. A análise histórica passou muito por um entendimento da evolução de Almada e mais concretamente Porto Brandão, refletindo sobre estes pedaços de história, procurando restituir-lhes a sua devida importância.

No entanto e avivando a memória, é assente no mundo sensorial que entramos na proposta de intervenção. Para a sua construção foi fundamental a realização de uma visita nostálgica ao terreno onde nos foi possível realizar e analisar posteriormente um vídeo de drone – verificando facilmente a morfologia e mais que isso a falta de movimento nesta pequena localidade – vídeo esse que nos acompanhou ao longo de todo o processo onde procurámos um rascunho de uma possível solução perante o caso de despovoamento no Porto Brandão.

Por último, mas não menos importante convém mencionar que na busca de respostas plausíveis foi muito importante a análise de alguns projetos de referência, que realizámos tanto ao longo dos capítulos como mais concretamente no Cap. III, recaindo a nossa atenção mais sobre intervenções que têm como mote a ruína, explorando temas como património, memória e ambiência.

*“Remotas memórias  
Saltitam  
Pululam  
Cheiros / odores / miragens”  
(Mira, Samuel, 2006)*



*Figura 1*

*Arquitetura & Dança – o movimento do corpo no espaço, 2017*

Capítulo I

## **O Corpo, a Mente e o Espaço**

## Introdução

A “ruína”, foi sempre portadora de um sentido nostálgico. Trata-se de um portal para o mundo imaginário, com a sua atmosfera envolvendo o corpo do visitante, estimulando os seus recetores sensoriais e dessa forma desencadeando memórias e lembranças de uma *base de dados*, não só individual, como também coletiva. A ruína relaciona a sociedade com a sua transformação, é o “despojo” desse processo. Perante esta realidade que é visível um pouco por todo o território, surgem duas posições antagónicas – preservar ou destruir.

Nas páginas que se seguem abordaremos a ruína e o mundo sensorial, examinando cada um destes conceitos, procurando compreender o que os relaciona. Através de autores como John Ruskin e os seus “*edifícios cantantes*” (Choay, 2011, p. 161); Juhani Pallasmaa (2011) e as suas reflexões sobre os sentidos e a arquitetura, como forma de melhor entender a relação do nosso corpo com o espaço; passando também os olhos subtilmente sobre a dimensão oculta de Edward T. Hall (1986), onde procuramos alertar para a importância dos sentidos e da cultura, para melhor entender a relação do nosso corpo com o espaço.

As questões do património, às quais a ruína está profundamente associada, serão analisadas, ainda que brevemente, através do pensamento de Françoise Choay. (2011).

Já numa segunda fase, partimos da sociedade atual chamando a atenção para as suas “ruínas”, espalhadas entre um espaço edificado moderno e funcional, procurando que estes focos problemáticos auxiliem na regeneração da sua envolvente. Para tal analisaremos de uma forma mais aprofundada o pensamento de Sandra Ortigosa, François Ascher e Hugo Farias.

Ao longo do texto, procurando fazer a relação entre os aspetos teóricos e a componente de projecto, apresentaremos algumas ideias que se inscrevem na nossa proposta de intervenção.

A questão subjacente a este nosso trabalho tem a ver com entender como a arquitetura tendo em conta o passado que se materializa na ruína, poderá acompanhar uma sociedade que se transforma a uma velocidade incontável de dia para dia.

## Pensando sobre: Ruina e as Sensações

Com o objetivo de melhor entender a intervenção, que se apresenta nas páginas seguintes, procuraremos compreender, nesta fase inicial, as diversas maneiras como o nosso corpo relaciona com o espaço. Pelas palavras de Juhani Pallasmaa, “*O mundo é refletido no corpo, e o corpo é projetado no mundo*” (Pallasmaa, 2011, p. 43). Ao longo do seu livro, *Os Olhos da Pele*, Juhani Pallasmaa mostra-nos esta interação entre o corpo e o espaço. Para tal, centrou-se nos cinco sentidos, na forma como estes leem o espaço, e no modo como conseguem influenciar o processo de criação de memórias. Também Edward T. Hall, no seu livro *Dimensão Oculta*, nos explica esta relação espaço-corpo, tendo em conta a importância da cultura na nossa percepção e apropriação do espaço. Entendendo o ser humano e a forma como este o percebe e apropria Edward Hall distingue, neste livro, dois tipos de recetores: os “*recetores à distância*” – olhos, ouvidos e nariz; e os “*recetores imediatos*” – o tato, as sensações na pele (Hall, 1986).

A vontade de preservar a ambiência do local, onde iremos desenvolver o projeto, foi desde cedo uma das nossas inquietações. Tal só seria possível após uma compreensão do conceito de ruína e da forma como o nosso sistema sensorial percebe este elemento. Por outras palavras, a maneira como os sentidos interpretam a envolvente e influenciam o nosso processo de criação de memórias. Percebendo, por sua vez, qual a importância da memória na nossa localização espaço-temporal.

A ambiência é percebida pelo nosso sistema sensorial. Falando de arquitetura, não podemos dizer que o paladar tenha muito a ver com o assunto, talvez uma mera projeção imaginária de um sabor através do olfato. Contudo, olfato, visão, audição ou tato interferem diretamente com o utilizador.

No livro *Os Olhos da Pele*, Juhani Pallasmaa, expõem-nos uma ideia interessante, “*a visão nos separa do mundo enquanto os outros sentidos nos unem a ele*” (Pallasmaa, 2011, p. 24). Por outras palavras, a visão permite-nos abordar um espaço ou um objeto, no entanto, sempre de uma perspetiva exterior. Já com o olfato, o tato e a audição o sujeito é abordado pelo espaço, através de um elemento exterior que interfere com o nosso corpo permitindo-nos experienciar o espaço. No entanto, qualquer um destes sentidos tem a capacidade de gerar fortes memórias no utilizador, e este trabalho procurou explorar essa ideia ao longo da intervenção. Seja por entre as pedras dos gabiões ou pelos muros derrubados da ruína, o utilizador sente sempre o “toque” quente dos raios de sol, uma constante interação com o exterior. Falando ainda de tato, Juhani Pallasmaa diz-nos que “*a maçaneta é o aperto de mão*

do prédio” (Pallasmaa, 2011, p. 53). Esta é, de fato, a primeira abordagem tátil que temos com o edifício. Nesse sentido, nas principais transições interior-exterior as portas originais seriam restauradas e reaplicadas, dando-lhes o “dom da palavra” para que, através da sua textura, contem um pouco da história do edificado. Este sentido tátil conecta-nos “*com o tempo e a tradição: por meio das impressões do toque, apertamos as mãos a incontáveis gerações*” (Pallasmaa, 2011, p. 53).

Partilhando e pesando estas reflexões, a intervenção, que aqui se desenvolve, procurou reabilitar, o Asilo<sup>1</sup>, não meramente reconstruindo o edificado, mas conferindo-lhe *ferramentas* para que este se possa, facilmente, readaptar ao longo das oscilações físicas e sociais a que foi sujeito ao longo do tempo. No que toca à experiência arquitetónica, a intervenção ao harmonizar: a ruína, o utilizador, a envolvente e a vivência do espaço, busca estimular a memória do utilizador. Por outras palavras, um livro de histórias, com páginas em branco.

No que se refere ao “aroma” do espaço este será ditado, maioritariamente, pela vegetação, plantada e preexistente, no jardim interior. Canforeiras, pinheiros, chorões. Diferentes tipos de vegetação, cada um, de sua maneira, relacionado com a história e local. A esta fragrância floral, funde-se o aroma a pão e bolos feitos, proveniente da cafetaria. Uma mistura de fragrâncias que se vai deixando levar, pela permeabilidade da volumetria. De fato, este jardim “interior” é permeável ao exterior, um espaço protegido, onde porém, os elementos exteriores, tais como: intempéries, vegetação ou até mesmo animais, podem interagir de forma controlada.

Numa visita a Paris, recordo-me de caminhar pelos corredores da Biblioteca Nacional da França ...



Figura 2

Fotografia interior Biblioteca Nacional Francesa, do autor 2016



Figura 3

Fotografia maquete Biblioteca Nacional Francesa, do autor 2016



Figura 4

Fotografia varanda Biblioteca Nacional Francesa, do autor 2016

1 – Asilo 28 de Maio ou Novo Lazareto, parte integrante da Torre de São Sebastião de Caparica, também conhecida por Torre Velha.

...e sentir a vontade de quebrar a barreira física entre o mundo natural, existente no *pulmão* do projeto e o interior da biblioteca. Dominique Perrault criou este jogo de interior-exterior, onde o observador se vê confundido com o verdadeiro núcleo do edificado, bloqueando uma interação física com a vida do núcleo florestal, preservando a vida animal como intocável. Neste Trabalho Final de Mestrado procura uma relação diferente, onde o cotidiano da natureza se funde com o dos utilizadores. De certa forma, quebrando com o “*silêncio petrificado*”, (Pallasmaa, 2011, p. 49) conferindo-lhe, não só, traços da ambiência da envolvente, ou como Marco Casagrande diria “Arquitetura tornando-se parte da natureza” (Casagrande, 2015), mas também, pelo conhecimento e vivência dos seus utilizadores, “*este conhecimento orgânico está conectado com a natureza*” (*ibid*). Casagrande defende esta relação como sendo uma oportunidade de futuro, onde “*natureza humana e natureza partilhando a mesma estrutura arquitetónica*” (*ibid*). □

Ao permitir esta permeabilidade, a envolvente irá caracterizar o espaço definindo muito das suas particularidades, como o aroma e o ruído. Sendo que o ruído é um elemento que, por si só, requer um cuidado especial e tendo esta intervenção como programa uma instituição de ensino, a questão do controlo sonoro ganha ênfase. O carro é, hoje, um elemento ruidoso abundante, que nos impede de interpretar os restantes sons e cheiros da envolvente. Tendo isso em conta a intervenção procura afastar das ruínas estas máquinas ruidosas, de forma a preservar e explorar a ambiência do lugar. Esta imposição irá permitir uma maior concentração do nosso sistema sensorial, por outras palavras, facilita a nossa conexão ao espaço, assim como o nosso processo de lembrar ou criar memórias.

É, de certa forma, inevitável que, ao refletir sobre temas como ruína ou monumento, não nos depararemos, a certo momento, com o conceito de memória. Tendo em conta a importância deste conceito, que por si só, implicaria uma outra dissertação, procuramos aqui compreender, ainda que de uma forma breve e pouco desenvolvida, os dois tipos de “memória”: a “memória individual” e a “memória coletiva”. A primeira é a nossa memória pessoal que acompanha as nossas vivências, e a segunda é como que uma *base de dados* que une a sociedade global contendo os vários passos na nossa história. Um conjunto de informação explorada, experienciada e comprovada, que é passada de geração em geração. A memória coletiva materializa-se de certa forma no monumento, considerado por Françoise Choay como, “*a ancoragem das sociedades humanas no espaço natural e cultural e na dupla temporalidade dos humanos e da natureza*” (Choay, 2011, p. 16). Tomemos como exemplo o

2 – As traduções desta dissertação são da responsabilidade do autor.

“*Architecture becoming part of nature*”

“*This organic knowledge is connected with nature*”

“*Human nature and nature sharing the same architectural spot*”



padrão dos descobrimentos. Para a nossa história, este monumento marca a glória da nossa época de triunfo na exploração marítima. Como Bachelard nos revela:

*“O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas”*

*(Bachelard in Sandra Ortegosa, 2009, p. 2)*

Talvez seja por esse motivo que, na ruína a atmosfera envolvente é caracterizada, quase sempre, por uma ambiência nostálgica. Marco Casagrande, arquiteto e filósofo finlandês, expõe, também ele, a sua ideia de ruína, porém introduzindo-lhe uma constante de elevada importância, *“Ruin is a very positive thing, it’s something the human control has opened up and when the human control has opened up nature can step in...”* (Casagrande, 2015) e, na realidade, são a natureza e o tempo os principais fatores que moldam a ruína, que lhe conferem a sua volumetria debilitada. No entanto, esta ambiência tão interessante é, não só gerada por esses dois fatores, como também pela vivência humana. Edward T. Hall explora muito bem esta ideia, ao colocar o “Espaço de Organização Fixa” nos *“quadros fundamentais da atividade dos indivíduos e dos grupos”* (Hall, 1986, p. 121). Considera os edifícios como sendo bons exemplos dessa fixação, da história e da cultura, de uma determinada população. Sandra Ortegosa (2009) também aborda este aspeto, confrontando-nos com a visão de Bachelard, no que se refere à lembrança, surgindo como um ato inconsciente na nossa leitura do espaço. *“O inconsciente permanece nos locais.”*, os espaços adquirem *“valores oníricos consoantes”* (Bachelard in Ortegosa, 2009, p. 2). Segundo Ortegosa, é este aspeto, intrínseco ao espaço, que permite um *“sentido de valorização dos aposentos, praças, ruas, edifícios e paisagens que constituem patrimônios da história da humanidade, de uma determinada sociedade ou das histórias íntimas e individuais”* (Ortegosa, 2009, p. 2). Neste sentido a ruína abre-se como um livro.

3 – “A ruína é uma coisa muito positiva, trata-se de algo de onde o controlo humano abriu mão e quando isso acontece a natureza toma controlo do espaço...”, tradução livre do autor.

## Ruina: preservar ou destruir

Há muito que vem sido debatida, face ao espaço construído, a controvérsia: preservar ou destruir? Em 1760, Antoine Lavoisier, apresenta-nos a Teoria da Conservação de Massa - *"Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma"*. No desenvolvimento do nosso projeto, este ciclo da vida teve um enorme peso. Na procura do equilíbrio entre o antigo e o novo, foi surgindo uma ideia de "reciclagem" dos despojos da ruina, materializados na intervenção pelas paredes dos 6 novos volumes criados. No entanto, no que toca a elementos arquitetónicos, nem tudo pode ser aproveitado, por isso, devemos selecionar bem aquilo que escolhemos "deitar fora". Cada edificado fala por si. John Ruskin (1849) evoca a *voicefulness* dos edifícios, alertando para a necessidade de escutá-los, à semelhança das palavras de Paul Valéry, *"Não observaste que entre os edifícios cuja [cidade] está povoada, uns são mudos e outros falam; e, finalmente, outros, que são mais raros, cantam?"* (Valery in Choay, 2011, p. 161). Ruskin, ao longo de toda a vida, mostra-se um defensor da ruina e da sua simbologia, contudo, hoje em dia, onde o aumento da população se revela alarmante, parece uma ideia utópica. No entanto, isso não põe em causa a importância da transposição dos *"valores antigos"* (Ortegosa, 2009, p. 5) para o presente. A questão que se coloca é a de saber até onde se conservam as ruínas e o que pode ser nelas alterado. Esta discussão apresenta-nos Choay (2011), indicando as posições de dois autores. Violet-le-Duc, que nos diz que *"restaurar um edifício [...] é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido"* (Ibid., p. 32). Parece estar aqui a base da frustração de Ruskin. O seu desejo, cego, de preservação da ruina não abre portas para ideias tão inovadoras como as de Viollet-le-Duc. *"Eu não sinto somente o desgosto de um olhar ofendido, nem simplesmente a tristeza que provoca uma paisagem profanada, mas antes um pressentimento doloroso do cancro que corroerá as raízes da nossa grandeza nacional depois de um tal tratamento ter sido infligido ao nosso solo"* (Ruskin in Choay, 2011, p. 159/160). Ruskin pesa demasiado a identidade do edificado, chegando mesmo a desprezar a sua função.

Viollet-le-Duc, por outro lado, parece-nos mais participativo com a sociedade, procurando implementar outra dinâmica com novas funções e novos espaços. Por vezes mostra algum desdém para com o património da cidade, propondo soluções de *"tabua-rasa"* (Choay, 2011, p. 33) para alguns monumentos. O perigo da opinião de Viollet-le-Duc é possibilitar o que se

4 – No entanto Choay afirma que as diferenças entre os dois autores retratam mais uma oposição aparente do que real, pois ambos partem da "bandeira de uma cultura comum, a da Europa Ocidental" (Choay, 2011, p.32), reconhecendo a importância da arquitetura memorial.

passa atualmente, onde o crescimento de uma cidade passa muito pela especulação imobiliária, cumprindo objetivos de entidades promotoras que pouco consideram as necessidades dos verdadeiros utilizadores. Pode dizer-se que, em muitos casos, se perdeu o cuidado e a estima pela identidade do lugar. É esta também a posição de Aguiar ao afirmar que *“eis o novo sonho dos vendilhões imobiliários, os “centros históricos” como um condomínio privado e a angustiante perda de identidade coletiva que se lhes segue!”* (Aguiar *et al.*, 2014).

Ainda referente à discussão gerada em volta da ruína. Num breve, mas interessante, texto, com autoria de José Aguiar, Vítor Ribeiro e Miguel Costa, (2014) sentimos a angústia desta procura e a incompatibilidade com uma sociedade incapaz de cooperar. Nesta breve crítica, recordam-se grandes pioneiros como Fernando Távora, Jose-Augusto Franca ou Cabeça Padrão, as suas ideias e obras, mostrando o auge da nossa arquitetura, em prol da sociedade e do utilizador. É, no entanto com recurso às palavras de Françoise Choay, que os autores nos revelam a *“perda da nossa competência no edificar”* (Aguiar, *et al.*, 2014). Uma sociedade com a “fome” errada, um consumismo cultural que em vez de procurar uma solução se contenta com o que é vistoso e fútil e principalmente passageiro, deixando a cidade desprotegida ao que o futuro lhe guarda.

Cabe ao arquiteto saber que informação deve transitar de uma geração para a outra e saber implementar os valores antigos na sua abordagem. Isto será possível se o arquiteto, ao projetar o edifício, conseguir preservar a ambiência da ruína, deixando que esta nos *fale* ou *cante* a sua história.

Procuramos neste projeto encontrar um equilíbrio entre estas duas ideias, onde seja possível tanto preservar o espaço construído antigo, principalmente a sua ambiência, como atualizar o edificado, revitalizando-o.

Um bom exemplo para melhor compreender esta ideia de arranjar encontrar um novo *ofício* ao edificado, é o HighLine,<sup>5</sup> em Nova Iorque. O projeto vencedor do concurso, lançado para esta intervenção, foi o de James Corner Field em parceria com Diller Scofidio + Renfro. Este espaço em degradação foi reabilitado, tornando-se hoje um espaço público qualificado, dando uma forte contribuição à coesão social local, revitalizando assim todo o espaço e a sua envolvente.

5 – Trata-se de uma antiga linha férrea que, ao deixar de fazer parte do quotidiano dos utilizadores, se encontrava em decadência

## Renovar a partir do *Genius loci*

Surgiram recentemente, resultante das grandes transformações urbanas que têm transformado o território, uma série de conceitos, tais como: renovar, reabilitar, revitalizar, entre outros. Os autores ao utilizá-los não clarificam muitas vezes o seu sentido, tornando difícil entender qual o sentido que lhes é dado. A intervenção, aqui desenvolvida, enverga pelo caminho da Reabilitação entendendo-a como:

*“A reabilitação significa a restituição da estima pública. Sendo o seu objetivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e a coletividade.”*

(Soutinho in Pinto, 2013, p. 27)

Também, mais recentemente, Sandra Ortégosa, relembra-nos a noção *genius loci* de Aldo Rossi (Ortégosa, 2009, p. 6) como um conceito fundamental no entendimento da noção de lugar. Este novo campo preceptivo é resultado da *“relação singular e, ao mesmo tempo, universal entre certa situação local e as construções existentes naquele lugar”* (Rossi in Ortégosa, 2009, p. 6). Sandra Ortégosa reforça esta ideia ao defender que um projecto se deve destacar por uma abordagem menos destrutiva, onde as características do contexto histórico e cultural do lugar se vêm preservadas. Essas características não devem ser vistas como intocáveis, mas como suscetíveis de reformulação, preparando-as, não só, para a sociedade atual, como também, para as seguintes. Desta forma a cidade vai sendo reabilitada através de uma *“reciclagem da arquitetura e espaços urbanos preexistentes”* (Ortégosa, 2009, p. 6). Esta *“arquitetura contextualista”* (Ortégosa, 2009, p. 6) é fundamentada pela autora, por meio das palavras de Francisco Gracia, que nos diz que esta possibilita *“transferir para o futuro os valores da cidade antiga, sem renunciar à própria sincronia histórica”* (in Ortégosa, 2009, p. 6), definindo-a como *“aquela que, sem utilizar os recursos da mimesis superficial nem a analogia direta, estabelece uma rara simbiose com o contexto”* (Garcia in Ortégosa, 2009, p. 6). Compete-nos, posto isto, voltar a abordar o conceito “ruína” tendo

em conta a sua conotação simbólica, assim como a relação que esta estabelece com a envolvente.

Falámos já aqui de “ruína” e da controvérsia em volta da sua possível “construção ou desconstrução”. Refletimos sobre as opiniões de Ruskin e Viollet-le-duc, onde concluímos que uma intervenção mista seria o caminho mais interessante a seguir. Procurando explorar a ambiência e o protagonismo do antigo – à visão de Ruskin – mas adaptando o edificado à nova funcionalidade – em conformidade com Viollet-le-Duc.

A “ruína” sempre se relacionou muito com o nosso imaginário, a fragmentação do edificado expõe-no a diferentes formas de vivenciar e experienciar o espaço. Nas páginas anteriores, entendemos que a natureza é, na maioria dos casos, um fator fundamental para a criação desta ambiência fantasiosa assim como o tempo e a vivência humana. Compreendemos agora que todos esses fatores trabalham para a sua permanência no espaço e no tempo. Mas como funciona na realidade esta permanência espaço-temporal?

A ruína vive, assim, o espaço temporal, guiando o visitante por uma viagem num mundo imaginário, uma verdadeira máquina do tempo. Paredes em derrocada e lajes abatidas contam um pouco do seu passado atribulado. Abordámos no início do capítulo o nosso sistema sensorial e a forma como este se conecta com o espaço, constatámos, com isto, que a natureza, pelas suas diversas texturas, aromas e sons, é absorvida pelo corpo de quem experiencia o lugar. Tudo isto contém a ruína, contribuindo para a “viagem temporal” proporcionada pela ambiência. Esta ambiência, gerada pelo tempo, vivência humana e natureza, é um fator importantíssimo na ideia da ruína. É esta bolha, que envolve o espaço, que a intervenção procura estimar e readaptar.

Grandes nomes como Alvar Aalto e a sua teoria “*humanizar a arquitetura*” (1972), ou Frank Lloyd Wright com a sua *Fallingwater House*,<sup>6</sup> onde o utilizador é confrontado, constantemente, com a harmonia da água a correr, ambos baseiam a sua arquitetura no reconhecimento total desta condição corporal humana, entendendo, assim, a multiplicidade de reações instintivas escondidas no inconsciente humano.

6 – Casa da Cascata, da autoria de Frank Lloyd Wright, construída em 1936, no Sudoeste rural da Pensilvânia.

## Arquitetura e Atualidade: Na procura de Respostas

François Ascher considera que as atuais mudanças na sociedade se inscrevem “numa evolução de muito longa duração, a “modernização”, que se acelerou nestas ultimas dezenas de anos, mas que está em curso há séculos e que é devida à ação combinada de várias dinâmicas” (Ascher, 2010, p. 103). Por outras palavras, esta oscilação de necessidades, que se pode hoje em dia observar, está diretamente relacionada com as mudanças tecnológicas que nestes últimos anos se têm vindo a acelerar, sobretudo as relacionadas com as novas tecnologias de informação (NTI).

Em *Os Novos Princípios do Urbanismo*, o autor revela-nos que a evolução da sociedade é despoletada: por um processo duplo: o ser humano aspira a mais liberdade, porém, vê-se também moldado por um conjunto de redes sociais complexas, dependentes de grandes sistemas técnico-económicos. Pela dissociação e rearticulação individualista dos domínios da vida social, nos dias de hoje, o ser humano tende simultaneamente a diferenciar-se devido à multiplicidade de opções que tem à sua frente, e a igualizar-se devido aos fortes constrangimentos que a mesma sociedade lhe impõe.

O nosso património edificado, seguindo François Ascher, deve mostrar-se participativo, em relação às mudanças sociais, procurando a melhor forma de responder às necessidades, também elas por sua vez, variáveis, “*Fabricar a cidade é, portanto, ter em consideração esta diversidade de situações, de espaços, de modos de vida*” (Ascher, 2010, p. 107).

Também Manuel Castells, aborda este nosso processo metamórfico. O autor, procura entender a relação entre as NTI e as novas relações sociais que estas engendram. Castells mostra, que esta evolução social não pode ser considerada, somente, como algo positivo, mas sim como um jogo de probabilidades. Segundo o autor, “*o espaço é a expressão da sociedade*” (Castells, 2002, p. 534), um pouco à semelhança da “*ancoragem da sociedade*” de Choay (2011, p. 16). A sociedade é, assim, moldada por fluxos – “*fluxo de capital, de informação, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, sons e símbolos*” (Castells, 2002, p. 535) – sendo que eles são “*a expressão do processo que dominam a nossa vida económica, política e simbólica*” (*Ibid.*, p. 535). O autor epiloga, dessa forma, afirmando que existe na sociedade atual uma “*nova forma espacial característica das práticas racionais*” (*Ibid.*, p. 535).

No entanto, esta nova organização espacial que responde de certo modo às necessidades geradas pelas NTI, deixa espaços vazios, desenquadrados, abandonados. Marco Casagrande demonstrou, nestes últimos anos, um especial cuidado no tratamento de um

desses espaços esquecidos e desfragmentados. O seu respeito para com a natureza e a ordem natural da vida tornou possível uma nova forma de ver a arquitetura. Dito de outro modo, foi ele quem valorizou na malha urbana essas desfragmentações, que não se reduzem apenas a ruínas, uma vez que são espaços que possibilitam desencadear uma revitalização urbana e, conseqüentemente, social.

A acupuntura urbana surge, assim, como um conceito em bruto que, mais tarde, viria a ser desenvolvido por Jaime Lerner, desta vez com uma visão mais alargada, procurando resolver problemas em pequenas malhas danificadas, com vista a desencadear uma intervenção mais abrangente, regenerando e reativando a cidade. A acupuntura urbana passa, exatamente, por “procurar ver no problema uma solução” (Lerner, 2015).

Também este trabalho partiu de um entendimento deste, novo-velho, conceito. Uma tentativa de cuidar e estimar a margem sul, que tanto *sofreu* para tornar Lisboa na metrópole que hoje se revela. A intervenção tem, portanto, este mote de saber encontrar no problema a solução, como Jaime Lerner nos ensina, não esquecendo, contudo, o papel da natureza e da cultura, que juntamente moldam o espaço num diálogo constante com o tempo.

Para além desses espaços públicos abandonados, as transformações tecnológicas e sociais refletem-se no espaço através da necessidade de um novo tipo de habitação.

É sobre este tema que mais recentemente, despontam conceitos como a flexibilidade ou a adaptabilidade. Hugo Farias<sup>7</sup> distingue estes dois conceitos de forma bastante esclarecedora.

Numa primeira fase identifica o conceito de flexibilidade e explica a sua bifurcação: “*flexibilidade ativa*” a que chama Flexibilidade e “*flexibilidade passiva*” (Farias, 2010, p. 2) ou Adaptabilidade.

A “flexibilidade (ou flexibilidade ativa) – entendida como a possibilidade de transformar fisicamente o espaço, para que ele responda, de modo mais rico e variado, às necessidades dos habitantes; e a flexibilidade passiva (ou adaptabilidade) – entendida como a capacidade que um espaço deve possuir para se poder adequar a diferentes usos e formas de apropriação, sem que se altere fisicamente” (Farias, 2010, p. 2). H. Farias leva em conta no seu estudo autores como Hertzberger e a sua ideia de Polivalência (1999) – propondo que os espaços não sejam concebidos como monofuncionais, mas que permitam diferentes funções e usos; e Venturi que, já em 1995, explorara a ideia de ambiguidade funcional como sendo a

7 – Farias, Hugo, Repensar a Habitação contemporânea: Flexibilidade, Adaptabilidade, Ambiguidade Funcional e Desierarquização do Espaço Doméstico, 2010.

possibilidade de propor espaços sem predeterminação funcional, espaços predispostos a diferentes possibilidades de uso e apropriação.

O autor diferencia assim claramente a flexibilidade ativa da passiva, Rem Koolhaas (1995) é recrutado como defensor da flexibilidade – *“a criação de uma capacidade de ampla margem que permita diferentes e mesmo opostas interpretações e uso do espaço”* (Farias, 2010, p. 6). Em oposição a este autor surge Maccreeanor afirmando que *“adaptabilidade é uma forma diferente de ver a flexibilidade. O edifício adaptável é simultaneamente transfuncional e multifuncional e deve permitir a possibilidade de mudança de uso”* (Farias, 2010, p. 7).

Maccreeanor (1998) vê o sobredimensionamento espacial, a neutralidade de fachadas ou a intemporalidade do desenho como geradores de adaptabilidade. Esta *flexibilidade passiva*, diz Hugo Farias estar relacionada com os conceitos de polivalência, ambiguidade e indeterminação funcional. Hertzberger, surge como defensor dessa polivalência na arquitetura, alertando-nos para a *flexibilidade ativa* ao dizer que esta corre o risco de representar *“o conjunto de todas as soluções inadequadas para um problema”* (Farias, 2010, p. 8), propondo que *“a única abordagem construtiva para uma construção que está sujeita à mudança é uma forma que parta da própria mudança do fator permanente”* (Ibid.). Trata-se, então, de uma forma possível de adaptar e readaptar aos vários usos sem que o edificado em questão tenha que sofrer alterações.

No que toca à ambiguidade do espaço, Hugo Farias, escolheu Venturi (1995) como apoio, autor que teve também uma grande influência no que toca ao desenvolvimento da intervenção aqui apresentada. Para Venturi *“a sala com uma finalidade mais genérica do que específica, e com mobiliário removível em vez de divisórias móveis proporciona uma flexibilidade mais preceptiva do que física (...) a ambiguidade válida promove a flexibilidade útil”* (Venturi in Farias, 2010, p. 9). Esta intervenção procurou exatamente isso, um conjunto de volumetrias, idênticas entre si, despegadas de função, reorganizáveis, flutuantes no interior da ruína.

O nosso projecto procura uma abordagem mais ampla, não focada apenas na habitação, mas sim, alargada aos diferentes tipos de edificado. No entanto, foi útil apropriar-nos de alguns conceitos enunciados pelo autor, que facilitaram o entendimento do nosso projecto nos vários campos. Ao relacionar *“mudança social”*, *“mudança laboral”* e *“inovação tecnológica”* (Farias, 2010, p. 4), Hugo Farias explica-nos o carácter inconstante da sociedade, e mostra-nos, por sua vez, como esta oscilação na estrutura social deve interferir com o desenho do espaço.



## Síntese de Conteúdo

Iniciou-se o capítulo procurando entender a constante interatividade entre o corpo humano e o espaço natural e construído. Levando-nos a obter um entendimento da voz dos edifícios, e lugares, mas aleando-o essa aprendizagem a um entendimento da oscilação social, sendo capaz de o *empregar*. O conceito reabilitação foi, de entre um pequeno grupo de novos movimentos, eleito e abordado. No seguimento desta reflexão, concluímos que na arquitetura atual, a intervenção surge para uma determinada sociedade num determinado espaço temporal. Para que esta se possa conectar com a sociedade que irá servir e não ser um mero museu expectante. À que adapta-lo, torna-lo flexível a estas constantes oscilações das transformações sociais. As necessidades da sociedade requerem novas soluções, sendo que de dia para dia a arquitetura tem de pensar a construção acompanhando essas oscilações. O texto, do professor Hugo Farias foi, fundamental nesta fase de entendimento do conceito de flexibilidade, como um conceito bifurcado. Retificando a forma de pensar e desenhar a arquitetura. Por outras palavras, não se tratando de uma mera cópia do que fora, mas sim, um protótipo do que o futuro lhe possa trazer.

Coube-nos, por último, entender a recente oscilação social, que tanto influência o trabalho dos autores da cidade. Assimilamos métodos que hoje dão resposta a problemas de deterioração da cidade e do abandono do seu património edificado. Mantendo, sempre, uma atitude consciente de pensar a arquitetura, visando fortalecer a estrutura da sociedade que esta serve. Com esse mote, a nova construção irá reintegrar o pedaço de território, revitalizando uma célula da cidade, tida como “morta”, tornando-a novamente participante na vivência dos seus utilizadores.

Foi a partir do entendimento destas necessidades e atividades diárias dos indivíduos, que, a nossa, intervenção soube moldar a ruína e conectando-a com a sua envolvente. Por outras palavras, mostrando-se *adaptável*, pelas palavras de H. Farias, para com esta constate oscilação, conferindo, ao Asilo, uma nova ferramenta para que este se possa continuar a ir readaptando. Reabilita-lo e fazendo dele um impulsor social e económico, promovendo Porto Brandão, a sua história e a sua gente.

Capítulo II

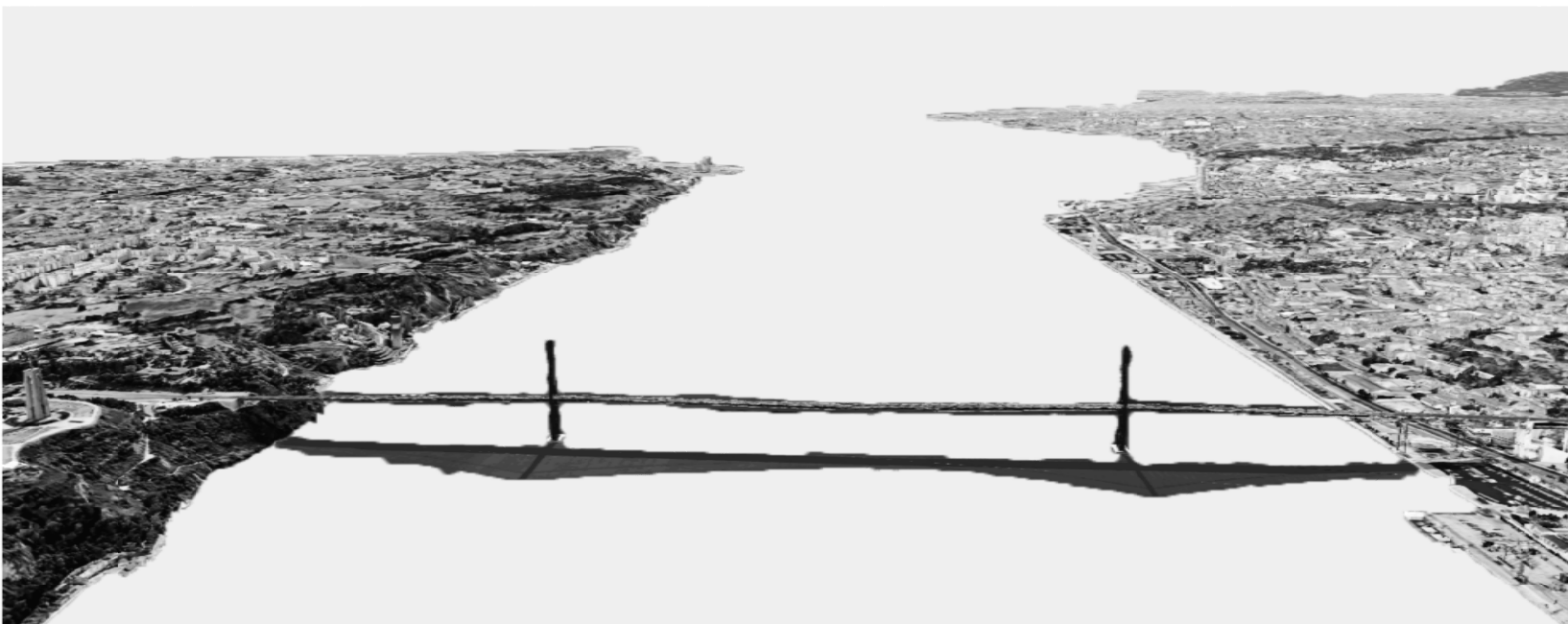
## Compreendendo Almada

*“E a Lisnave / petroquímica  
Cancros do meu Tejo  
Apodrecendo lentamente o azul das águas”*

(Mira, Samuel, 2006)

*Figura 5*

*Vista Tejo, Google Earth, 2018*



## Introdução

Com intuito de melhor entender a intervenção, que aqui se apresenta, desenvolvemos uma análise do território em 3 fases: Numa primeira fase procedemos à caracterização de Almada, enquadrando e localizando esta cidade no espaço envolvente; Posto isto, e tendo em conta o espaço construído e a importância do passado militar de Almada, deparamo-nos com a *Torre Velha* onde, entendemos, ainda que de modo breve, a importância deste fortificado. Contudo, é com Alexandre Flores (1994) que compreendemos a criação de Almada e o percurso da sua gente até aos dias de hoje. Estudar a história desta cidade, a sua gente e a sua relação com o Tejo, ajudou-nos a compreender a forma com esta participou na criação da capital.



*Figura 6*

*Composição fotográfica,  
Ortofotomapas, Bingmaps, 2018*

## Enquadramento, Localização e Contextualização

Com uma morfologia muito característica, Almada apresenta-se, de frente para Lisboa acompanhando o desaguar do Tejo no Atlântico. Limitada a Norte e Oeste por terrenos miocénicos e arribas, enquanto a Sul e Este, uma vasta facha de areia plio-plistocénicas. O seu clima temperado homogeneizado por todo o território.

Desde cedo, a Margem Sul, mostrou-se importante, *trabalhando* em prol da construção da capital. Inicialmente desenvolveu-se no âmbito militar – a *Torre Velha* ou Torre de São Sebastião da Caparica, no Porto Brandão, foi das primeiras linhas de fortificação da barra do Tejo, que juntamente com a Torre de Belém<sup>8</sup> e o Forte de São Julião da Barra<sup>9</sup> defendiam com fogo cruzado a entrada do Tejo – vivendo a sua população da agricultura e da pesca, com técnicas agrícolas e artes piscatórias que acompanhavam o rápido crescimento do mercado local e tradicional. Almada das Origens, até à Elevação a Cidade revelou-se um elemento de elevada importância para o entendimento da transformação desta zona.

Rapidamente se transformou numa das comunidades ribeirinhas mais expressivas da “*Outra Banda*”. A vila, centro administrativo e de serviços, assim como, de produção de bens e de comércio, manteve-se, praticamente, inalterada até ao séc. XVI. A partir desse momento, o domínio do poder da reforma manuelina contribuiu para “*a queda das instituições concelhias*” (Flores, 1994, p. 10). Por outras palavras, o poder do rei e a uniformização jurídica, veio gerar novas oportunidades económicas, sociais e políticas.

Contudo, o Termo de Almada formou-se no reinado de D. Dinis, quando ainda abrangia os atuais concelhos de Almada e Seixal. De entre todas as povoações constituintes do Termo, Almada era a vila mais antiga com um carácter urbano desde cedo presente. Estendia-se desde o Castelo de Almada, em direção à Igreja de Santa Maria de Castelo, ao Largo da Câmara. Progressivamente a forma urbana foi-se configurando, a partir de vias de ligação emitidas pelo próprio núcleo, conectando os diferentes fogos circundantes, principalmente assentes na zona ribeirinha ou com relativa proximidade a esta, fazendo de Almada uma vila dependente do rio, assim como das suas áreas agrícolas.

Ainda hoje o Tejo é cruzado todos os dias por inúmeros trabalhadores. No entanto, nos seus inícios, Almada e Lisboa organizavam pelo Tejo muito do interposto dos produtos - excedentes

8 – Torre de Belém – complexo militar localizado na freguesia de Belém, concelho e distrito de Lisboa.

9 – Forte de São Julião – Um complexo militar localizado em São Julião da Barra, mais precisamente, na ponta de São Gião. No extremo Oeste de Oeiras.



da pequena atividade agrícola e piscatória, eram escoados pelo porto de Cacilhas alimentando o grande *apetite* de Lisboa.



Figura 7

*Lisboa e Tejo 1704, Almada Virtual Museum, 2018*

"nesta época da expansão marítima portuguesa, a região de Almada constituía parte da zona económica de Lisboa" (Flores, 1994, p. 10). Alexandre Flores expressa-nos, pelas palavras de Nicolau de Oliveira que o que engrandeceu Almada "hé o grande número de villas e lugares, e quase infinita e riquíssimas quintas" (Oliveira in Flores, 1994, p. 11-12), delas provinha grande parte da matéria-prima da capital.<sup>10</sup>

Dos séculos XV a XVI, já com 2500 habitantes, estas inúmeras quintas deram forma a Almada, constituindo um significativo aglomerado na margem Sul do Tejo. Nos séculos seguintes (XVII e XVIII) surgiram algumas povoadas com importância local: Cacilhas, Pragal, Sobreda, Caparica, Murfacém, Porto Brandão, Trafaria, Seixal.

10 – A análise à história de Almada é baseada no livro, *Almada das Origens à Elevação a Cidade*, de Alexandre M. Flores.



Figura 8

*Planta Margem Sul 1710, Almada Virtual  
Museum, 2018*

Chegada a este momento, Almada, mostrava já ser redentora de uma grande dinâmica social, económica, administrativa e religiosa.



Figura 9

*Cartografia, Almada 1811, Almada Virtual Museum, 2018*

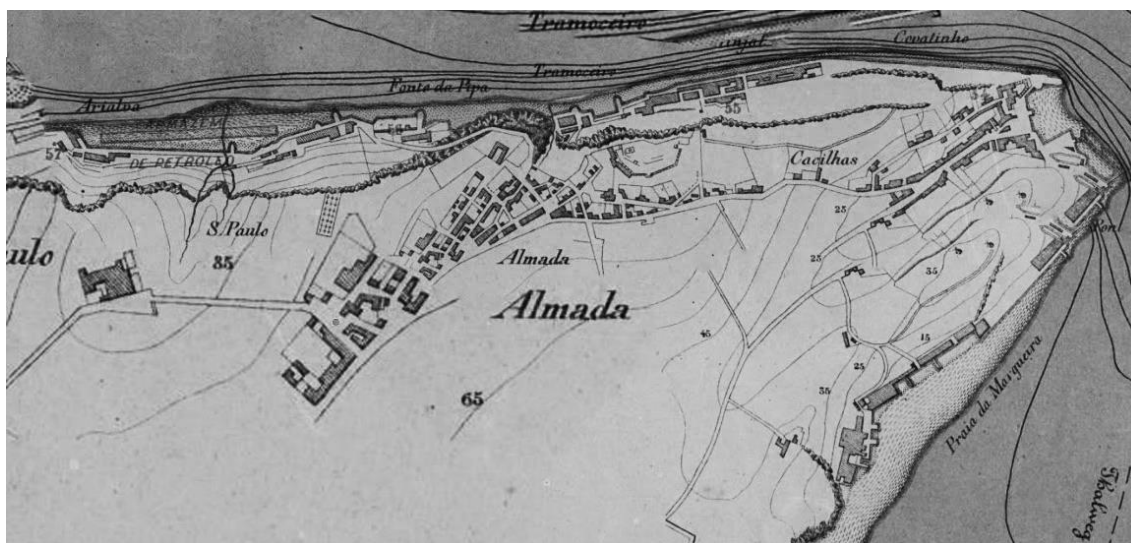


Figura 10

Cartografia, Almada 1883, Almada Virtual Museum, 2018

Já com 13700 habitantes, compreendendo 8 freguesias, Almada entra, em meados do séc. XIX, no processo de industrialização. Partindo do sector primário (agricultura, silvicultura, pecuária e pesca), esta industrialização estreou-se em colaboração com este sector já existente, apoiando-se nele como forma de vingar. “Armazéns de isco e frigorífico apoiando os nativos de pesca de alto mar; As oficinas navais; As fábricas de conserva de peixe, de óleo de fígado de bacalhau, de cal, da cortiça, da moagem; dos estaleiros navais; Proporcionaram um novo rumo evolutivo do concelho assim como implementaram uma nova dinâmica ao processo de desenvolvimento de Almada” (Flores, 1994, p. 15). Contudo, com a implementação da máquina a vapor esta industrialização entra numa nova fase, acabando por levar este sector primário a entrar em declínio. Almada despede-se do séc. XIX, entrando no séc. XX como um dos núcleos industriais fundamentais do país. Em 1926 Almada, assim como outros concelhos ribeirinhos, são afastados do distrito de Lisboa formando assim o concelho de Setúbal.

O quadro demográfico de Almada□□, que em seguida apresentamos, ajuda-nos a entender o rápido, e descontrolado, crescimento populacional.

11 – Quadro demográfico organizado a partir de um entendimento do estudo de Alexandre M. Flores, no seu livro *Almada das Origens à Elevação a Cidade* (Flores, 1994, p. 20 - 22)



Quadro demográfico: número de habitantes de Almada de 1920 a 1979.

Fonte:

1920	—	20.29
1930	—	23.994
1940	—	29.546
1950	—	43.768
1960	—	70.968
1979	—	107.575

O grande incremento na sua taxa média de crescimento surge, como podemos ver, nos anos 40/50. Este forte aumento deu-se devido a vastas áreas territoriais ocupáveis e a boa acessibilidade a Lisboa. Almada começou aqui a ter o seu território sobe fogo da oportunidade económica. Dito de uma outra forma, a ocupação rápida e descontrolada dos territórios vagos contribuiu fortemente para a sua, atual, imagem débil.

Chegando à década de 70 este crescimento atinge uma taxa media de crescimento com índices superiores à A.M.L. Norte e Sul. Tal crescimento emerge de um forte fluxo migratório sentido ainda nos anos 50/60 devido ao elevado número de postos de trabalho, oferecidos tanto pela indústria naval como pela construção civil contribuindo para o crescimento urbano que se alastra também aos terrenos livres nas freguesias de Almada e Cova da Piedade.

À semelhança dos objetivos da Acupuntura Urbana, já abordada no capítulo I, Estas novas urbanizações geram ligações entre antigos núcleos urbanos, que hoje conservam apenas as suas funções comerciais e outros serviços. Estas pressões do crescimento foram sentidas, principalmente, na carência de acessibilidade – como já mencionado no capítulo 1, o estudo de H. Farias mostrou-se nesta fase um elemento fundamental no entendimento destas problemáticas. É através de mudanças de caris social ou laboral que o autor, relacionando estes fatores com a inovação tecnológica, ajudando-nos nos ajuda a compreender melhor as oscilações e as necessidades do território, remetendo-nos para uma forma mais racional de abordar o espaço –, seja por transporte marítimo ou mesmo pela ponte. Conexões que em 1970 se mostravam capazes, servindo uma sociedade com, pouco mais de, 70 mil habitantes revelam-se agora incompetentes para os quase 110 mil habitantes que, à chegada aos anos 80, constituía a população de Almada.

Esta nova e densa enchente urbana avassalou traços tradicionais da paisagem dando forma a um complexo organismo de onde se evidenciam 3 polarizações: A Vila de Almada, a de

Cacilhas e a da Cova da Piedade. Almada passou, assim, a ser concelho de 2ª classe em 1954, para 20 anos mais tarde passar a ser classificada como concelho urbano de 1ª classe.□□

Almada passa a cidade, agradecendo “à história da terra, ao desenvolvimento demográfico e urbanístico, às vias de comunicação, à distribuição domiciliária de água e energia elétrica, à rede de saneamento, ao forte incremento industrial e comercial, ao notável movimento de associativismo e diversos serviços de natureza social, educacional e cultural” (Dec. Lei n.º308/73).

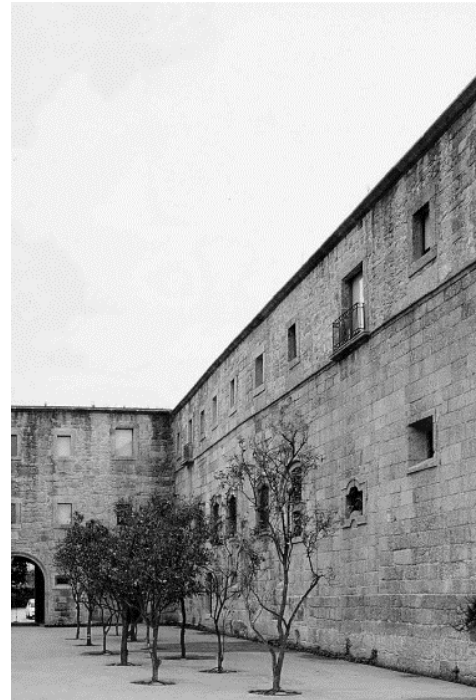
Alexandre M. Flores culmina o seu livro dirigindo-se a Almada como “*uma cidade de memória própria, capaz de desbravar o futuro*” (Flores, 1994, p. 36). Porém, assistimos, neste momento, a uma estrutura deficiente e marginalizada, correndo o risco de cair em desuso. Desde 2011, com mais de 170 mil habitantes usufruindo de uma estrutura urbana ténue, que pouco contribui para o nível de vida dos seus utilizadores.

De fato, a margem sul revela-se, hoje em dia, toda ela enfraquecida de acessos e zoneamento. A ausência de um plano diretor permitiu, durante anos, a ocupação dos solos de forma descontrolada e descuidada. Uma vasta mancha urbana fragmentada, com diferentes núcleos, num vasto território, sem fortes ligações entre si e com uma fraca ligação à Capital.

## **Síntese de Conteúdo**

De forma sucinta, foi neste capítulo desenvolvida uma análise de Almada tendo em conta aspetos geográficos, morfológicos, históricos e sociais. Começamos por enquadrar Almada, compreendendo a sua localização no território nacional o que nos levou a entender, superficialmente, a relação entre a Margem Sul e a capital.

Recorrendo aos estudos de Alexandre M. Flores compreendemos as oscilações da população no passado, percebendo também através das suas palavras a evolução do Termo e de todas as suas povoações, assim como do papel marcante da industrialização na vivência dos seus habitantes e o seu papel na história do local. Procuramos não ir contra essas vivências e essa história, mas sim encaminha-las para um crescimento em conjunto com a natureza.



*Figura 11*  
*Esquerda – Fotografia, Hélène Binet, 2013*  
*Direita – Fotografia, Luis Freira Alves, 2015*

### Capítulo III

## Projetos Referência

## Introdução

Neste breve capítulo, apresentaremos 4 intervenções, duas internacionais e duas nacionais. Três destas têm por ponto de partida a ruína: o Castelo Astley, dos arquitetos Whiteford Watson Mann; o Convento de Santa Maria de Bouro, dos arquitetos Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira; e a reabilitação do célebre Palácio Reichstag, levada a cabo por Norman Foster. Contudo, foi necessário afastar-nos da reabilitação de edifícios e compreender, através do projeto Herdade do Rocim dos Cmfv – Arquitectos e Designers Associados Lda., a relação entre o novo construído, o terreno e a sua envolvente natural. Estes quatro projetos foram inspiradores na resolução de certos problemas projetuais, no decorrer da fase de desenvolvimento do desenho da intervenção. Ambos fizeram parte de uma grande paleta de elementos que tornaram mais simples o entendimento e a resolução de questões que foram surgindo a nível de conceito e desenho.

## Astley Castle

O *Astley Castle*, dos arquitetos Whiterford Watson Mann, denota uma enorme capacidade para regenerar a ruína, estudando-a, procurando os seus pontos positivos, recrutando aqueles que se mostrem de interesse para questões atuais.



Figura 12

Fotografia, Hélène Binet, 2013

O projeto localiza-se em Inglaterra. Uma intervenção *Low Budget*, já que, com fundos reduzidos para o restauro do edificado, a The Landmark Trust lançou o concurso para a criação de uma casa de férias capaz de se conter dentro da ruína. Em 2007, o projecto do atelier Whiterford Watson Mann foi anunciado como vencedor.



Figura 13

Fotografia, Philip Vile, 2013

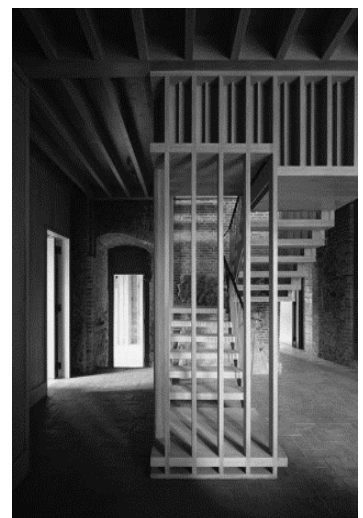


Figura 14

Fotografia, Hélène Binet, 2013

criatura” no interior da ruína do Castelo de Astley, marcando a presença de um novo espaço. A intervenção, realizada em 2007, consistiu na criação de uma casa de férias capaz de se conter dentro da ruína, marcando a presença de um novo espaço. A intervenção, realizada em 2007, consistiu na criação de uma casa de férias capaz de se conter dentro da ruína, marcando a presença de um novo espaço.



*Figura 15*

*Fotografia, Hélène Binet, 2013*

## **Convento de Santa Maria do Bouro**



Não só para lá da fronteira como também por cá se pratica boa arquitetura. O caso da reabilitação do Convento de Santa Maria do Bouro, da autoria dos arquitetos Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira, revela-se também como um ótimo exemplar no que toca à relação Ruína-Nova Construção. Trata-se de uma subtil, mas grande reestruturação do convento, convertendo-o numa pousada.



Figura 16

Fotografia, Luis Freira Alves, 2015



Figura 17

Fotografia, Luis Freira Alves, 2015

*“O projeto tenta adaptar, ou melhor, servir-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício.”*<sup>1</sup> Neste projecto a ruína tornou-se mais importante que o convento deixando este de ser um mero museu, e tornando-se num elemento mais participativo na sociedade. Encarando, como Viollet-le-Duc diria, um novo “emprego”, respeitando as mudanças da sociedade com a qual este se relaciona e a que futuramente irá servir.



Figura 18

Fotografia, Luis Freira Alves,



Figura 19

Fotografia, Luis Freira Alves, 2015

## **Palácio Reichstag – Parlamento da Alemanha**



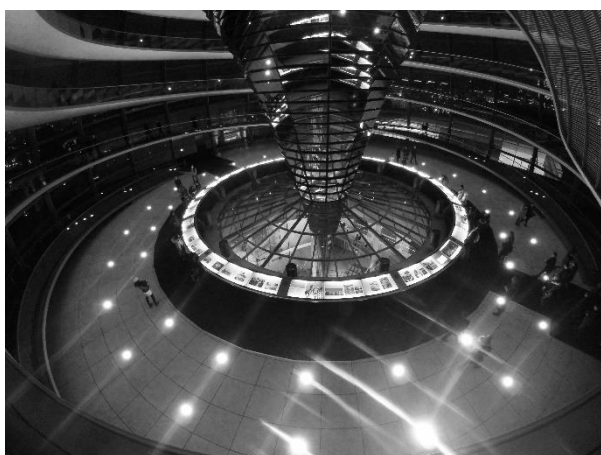
De volta ao estrangeiro, mais precisamente no distrito de Mitte em Berlim, localiza-se esta imponente marca do governo alemão. Contudo, este edificado possui um passado infernal, marcado pela ascensão de Hitler ao poder.



*Figura 202*

*Fotografia, retrato Reichstag após incêndio, do autor 2018*

A intervenção de Norman Foster descobriu-o, aos olhos do povo, como a reabilitação do seu governo. Desde então o velho-novo edifício mantém-se um elemento integrante e participativo com a cidade, continuando o seu antigo *emprego*.



*Figura 21*

*Fotografia, Reichstag, do autor 2018*



*Figura 22*

*Fotografia, Reichstag, do autor*

Hoje é a nova cúpula que, empregando as funções da antiga, ilumina não só o espaço que conta a sua história como também o grande salão do parlamento. Mais do que iluminar, este

novo elemento serve também de filtro natural, promovendo a circulação do ar em todo o edifício. Ao percorrer este espaço, coberto mas não fechado, sentia-se a brisa que passava. Sem desconforto, apenas uma satisfatória sensação de estar no exterior, uma sensação de vazio imenso. Até que por fim, chegamos ao topo da cúpula onde esta expelle o ar usado do edifício permitindo renová-lo.



*Figura 23*

*Fotografia, Reichstag, do autor 2018*

No exterior mostra-se o rosto do antigo, contudo, pelos seus vão sente-se a presença de um novo corpo, em vidro, que surge na sua cobertura espreitando toda a cidade e mantendo um olhar atento sobre o seu povo. A visita a este local tornou possível alguns momentos de reflexão, procurando o entendimento desta nova criatura que habita a ruína, e a simbologia de um edificado tão marcante para a sua população.

## **Herdade do Rocim**

Situada entre a Vidigueira e Cuba, no Baixo Alentejo, pela mão de Carlos Vitorino, com o atelier cmvf – Arquitectos, Designers e Associados Lda., surge, em 2009, subtilmente por entre os montes um elemento simples – numa visita pelo local a sensação transmitida por este volume não é de timidez, mas sim de predominância, como que um velho muro de pedra, ou marco de terreno, deixado pelo tempo.

Esta forma de semear o edificado e vê-lo crescer com a natureza mostrou-se essencial na nossa intervenção, permitindo um entendimento da relação tanto da nova construção com a natureza como com a ruína.



*Figura 24*

*Fotografia, Herdade do Rocim, do autor 2016*

No entanto, aproximando-nos deste corpo, a permeabilidade deste ser chama à atenção, permitindo espreitar de relance os terrenos de vinha que para lá deste muro se desenvolvem. Este controlo da permeabilidade da volumetria foi fundamental no desenvolvimento do nosso projeto, levando-nos a explorar varias formas de filtrar a ambiência até à ruína.



*Figura 25*



*Figura 26*

Ao nível do detalhe, este projeto revelou-se prestável na resolução de problemas como o capeamento da ruína. Na Figura 24 facilmente entendemos o papel do aço corten neste projeto, uma fina pele que reveste, protege e retifica a entrada. Na intervenção que aqui apresentamos o aço não representa uma pele que protege, mas sim uma série de linhas que, ao perfurar o volume do jardim interior, estabelecem a ligação entre o volume administrativo e aqueles onde se desenvolvem as salas de aula. Ainda referente à herdade do Rocim, no que toca à materialidade esta faz muito do projeto, notando-se um especial cuidado na escolha dos materiais de forma ligar o novo corpo e a sua envolvente.



*Figura 27*

*Fotografia, Herdade do Rocim, do autor 2016*

## Síntese de Conteúdo

Os quatro projetos aqui apresentados auxiliaram as reflexões em momentos de dúvida perante as várias hipóteses com as quais nos deparamos. Foi-nos possível entender a relação entre o velho e o novo onde, com um respeito mútuo, nos foi aprovado o desenho das novas volumetrias enquadrando-as com a envolvente e, em especial, com a ruína. Ajudaram-nos na compreensão da ruína enquanto elemento que habita a memória.

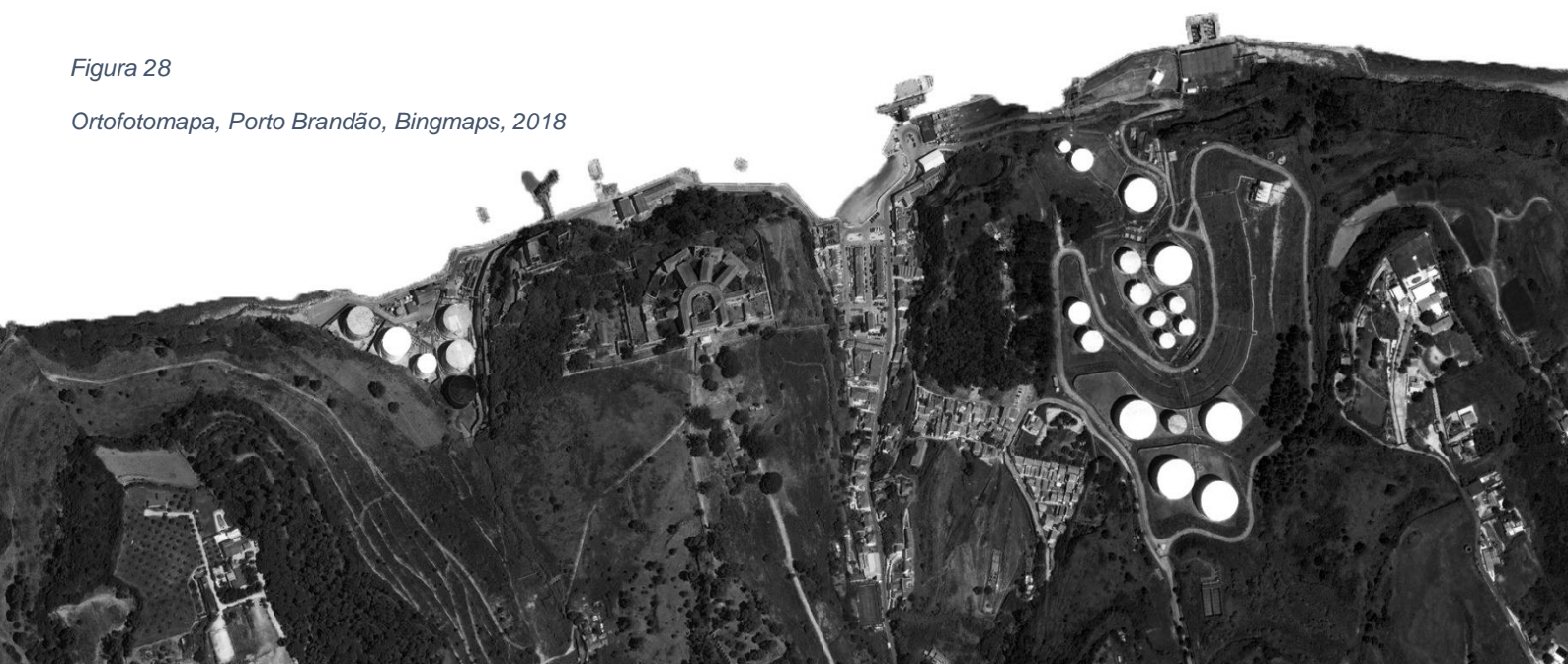
No desenho deste novo elemento que abita o interior da ruína, o Reichstang não deixou de ser um ótimo professor no que toca ao controlo esta subtil presença de um novo corpo em contato com a ruína. Contudo, as 3 reabilitações acima apresentadas, mostraram-se importantes para o entendimento da questão do novo emprego de Violette-le-Duc equilibrada pelo respeito de Ruskin. O quarto projeto, a Herdade do Rocim revelou-se um belíssimo exemplo de harmonia entre o construído e a sua envolvente, uma nova construção que se funde com o terreno procurando na vivência, na cultura e na sabedoria popular respostas para problemas atuais.



## Objetivos e Programa

*Figura 28*

*Ortofotomapa, Porto Brandão, Bingmaps, 2018*



## Introdução

Chegamos ao capítulo IV, a um território marcado por edifícios devolutos, património ao abandono, uns já somente ruínas e outros grandes desertos, construções clandestinas, com um ouvido atento, em memória às palavras de Ruskin, *escutamos* os edifícios da margem sul, tentando ouvir as suas vozes. De Este a Oeste, procuramos “*ver no problema a solução*” desde o deserto da LisNave, passando pela deteriorada Quinda da Arealva, ou pelo imponente Asilo 28 de Maio, culminando na grande mancha de AUGI’sque se alastra pela Trafaria e Cova do Vapor. Da leitura da paisagem resultou *A Lista*, um somatório de edificados ou conjuntos, de acordo com os tipos acima mencionados, mas mais que tudo com a sua voz. Contudo, escutados todos um por um, e devido à sua proximidade à capital, à sua volumetria e à sua história, o Conjunto Arquitetónico do Porto Brandão *cantou-nos* a sua história de uma forma indescritível. Com um passado atribulado a Torre Velha foi alvo de algumas mutações no seu percurso pelo tempo. O Forte de São Sebastião da Caparica□□ apresenta-se hoje desvanecido nos terrenos escarpados da margem, acompanhada do, Asilo 28 de Maio, mais conhecido por *Lazareto Novo* □□, que embora já degradado acaba por *falar* pelos dois. A sua ambiência nostálgica, capaz de nos transportar numa viagem pela memória, chega mesmo a alcançar a sua localidade vizinha.

No vale, à direita do Asilo, nasceu Porto Brandão, um local que hoje se mostra estagnado no tempo, caído em desuso. Ao analisar aquele espaço mais detalhadamente, compreendemos que esta ambiência nostálgica, que se mostra encantadora no Lazareto e no Forte, em Porto Brandão se revela devastadora. Em seguida, e com o intuito de revitalizar Porto Brandão, aportamos no conjunto arquitetónico como uma possível solução, para o seu défice populacional. Nesse momento do trabalho, as visitas ao sítio foram importantíssimas para o entendimento da fauna e da flora da localidade que, em conjunto com informações do Centro de Arqueologia de Almada, não só contribuíram para o desenvolvimento do espaço público como também nos deram a oportunidade de explorar esta ambiência nostálgica da localidade procurando um modo de readapta-la à sociedade reativando por sua vez Porto Brandão.

13 – Anexado a Porto Brandão e com uma arquitetura militar renascentista, pertence a um sistema de artilharia responsável pela defesa da barra do Tejo – Forte de S. Sebastião de Caparica, Torre de Belém e o Forte de S. Julião da Barra.

14 – Parte integrante do Conjunto Arquitetónico da Torre de São Sebastião de Caparica,

## A Lista

Procurou-se, neste Trabalho Final de Mestrado, encontrar algumas *células inativas*□□ da região que se apresentassem importantes para a reformulação da zona. À semelhança da intervenção na frente ribeirinha de Lisboa elegemos algumas destas porções de malha danificada, com base nas suas vozes, visando uma reabilitação alargada, melhorando, não só, a estrutura urbana, como, a própria vivência dos utilizadores.

Podemos dividir a *célula inativa* que, tal como as células cancerígenas tem a capacidade de deteriorar os organismos envolventes, em 2 tipos:

- Tipo I (pequenos focos):

Áreas cujo reduzido tamanho não causa grandes perturbações na vivência de rua, contribuindo contudo para a má ambiência da envolvente. Referimo-nos a edifícios singulares abandonados que são abundantes - perde-se a conta aos chamados edifícios devolutos ao passar os olhos pelo território. É necessário intervir, regenerando a vivência devolvendo atividade a estas células inativas.

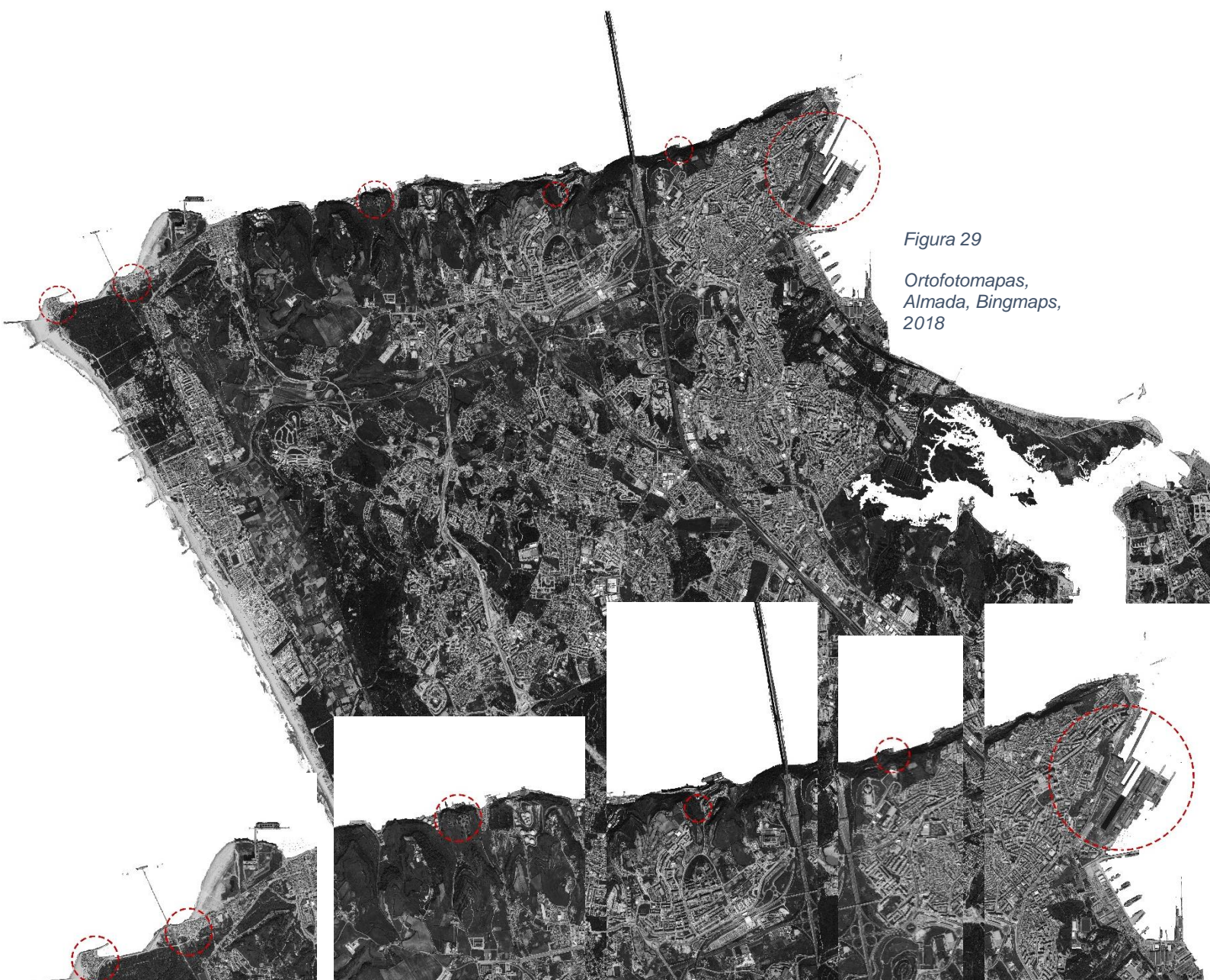
- Tipo II (grandes núcleos):

Extensas áreas degradadas que, devido ao seu tamanho e tipo de utilização, levam à constante degradação da envolvente. Geram ambientes desagradáveis, causando problemas para o nível de vida dos seus utilizadores. São zonas com as quais os habitantes por vezes têm fortes relações emocionais mesmo após vários anos, uma vez que, desempenharam um papel fundamental na sua história de vida ou de familiares, ou foram grandes impulsionadores económicos da zona ou até mesmo do país. Devem ser regeneradas para que não “infetem” o resto da envolvente, para que a cidade possa progredir sem que haja recuos causados por marginalização de certas zonas.

15 – Referimo-nos a edificados de onde o “*controle humano*” (Casagrande, 2015) abriu mão – edifícios devolutos, ruínas, património ao abandono, assim como onde esse “controle” se descontrolou – AUGI’s



Com esta maneira de olhar o território, foi-nos possível identificar e enquadrar muitas destas células danificadas. No ortofotomapa que se segue destacam-se algumas destas células inativas. Mais à frente, examinamos cada uma, propondo algumas hipóteses com o intuito de devolver a cada uma delas atividade, trabalhando em prol da vivência dos seus utilizadores.



*Figura 29*

*Ortofotomapas,  
Almada, Bingmaps,  
2018*

1 e 2

3

4

5

6

Figura 30

Ortofotomapas, Esquema modo operandis, Bingmaps, 2018

Nesta fase, colocamos à prova a *voicefulness* comentada por Ruskin que nos levou ao esquema apresentado em cima onde procedemos à identificação dos espaços de interesse interventivo, espaços com os quais a população e o próprio território têm fortes relações afetivas, seja pelo caráter autoconstrutivo sentido na ponta Oeste da Margem Sul, ou pelo património ao abandono que se *ouve* lamentar ao longo do rio. Todo este edificado culmina no *cancro*, que hoje constitui os terrenos do antigo estaleiro da Lisnave, que devido à sua dimensão e utilização tipo consome muito da ambiência de Cacilhas e arredores.

Ao estudar de uma forma aprofundada esta zona, elaborámos seis fichas técnicas de cada local, através de uma análise a cada uma destas *células inativas*, explorando o local, a sua ambiência, mas acima de tudo as suas memórias. As fichas 1 e 2, sendo AUGI's, têm características diferentes das outras células *inativas*. Contudo a autoconstrução destas células desde os anos 40 mostra por um lado, as más condições de habitação para os trabalhadores na época, e por outro, a sua vontade de fazer parte da cidade. Um pouco como na natureza, onde a sua única regra é "*existence maximum*" (Casagrande, 2015), estas novas urbanizações surgem procurando agregar-se à malha urbana de Almada. Já com mais de 60 anos de vivência, a voz destes espaços não teve como passar despercebida nesta listagem. Já as fichas 3, 4, 5, e até mesmo a 6, correspondem a espaços e edificados com a respetiva importância na nossa história. Nobres ruínas, memórias de tempos gloriosos esquecidos pelo tempo, deixados à mercê das intempéries.

16 – Palavra sem tradução em português, que no contexto do pensamento de Ruskin implica a personificação das ruínas

## 1 – Cova do Vapor



Figura 31

Ortofotomapa, Cova do Vapor, Bingmaps, 2018

Local:

Cova do Vapor

Espaço temporal:

Surgiu nos anos 40

Memórias:

*"A família foi crescendo e foram construindo [mais divisões] à volta" (Esteves in Sobral, 2011)*

*"Outrora um segredo de pescadores e surfistas, a aldeia entre Tejo e o oceano" (Silva, 2015)*

*"O tecido urbano é o mesmo que o de Óbidos, Alfama, Costa do Castelo. As aldeias do mundo inteiro seguem o mesmo padrão [de crescimento]." (Balestra in Sobral, 2011)*

Observações:

Inaugurou-se como sendo um mero local de pesca junto ao Tejo, porém, com os anos 40 vieram também as primeiras casas clandestinas erguidas pelos seus primeiros habitantes, demonstrando hoje características arquitetónicas de autoconstrução ímpares. Coabitam aqui, atualmente, cerca de 400 pessoas.



Local:

2º Torrão

Espaço temporal:

Surgiu nos anos 70

Memórias:

*“Ninguém sabe que ali estão, na Trafaria, mesmo ao lado da praia de São João da Caparica, há para lá de 40 anos.” (Leal in Moreira, 2018)*

Figura 32

Ortofotomapa, 2º Torrão, Bingmaps, 2018



*“Todos os dias o acordar deles é uma missão heróica, vão para a escola sem capacidade de fazer os TPC porque não tinham luz. Os que têm a sorte de estudar para a faculdade, fazem-no à luz da vela e os incríveis que já lá estão têm de entregar os trabalhos escritos à mão, porque o PC não funciona sem electricidade” (Leal in Moreira, 2018)*

*“... naquele bairro, onde o Inverno é “rigoroso”, com “cheias por todo o lado”...” (Leal in Moreira, 2018)*

Observações:

Começou por ser um mero local de pesca junto ao Tejo, porém, tal como no caso da Cova do Vapor, porém nos anos 70, iniciou-se a construção clandestina. Nesta localidade habitam, segundo o Censos 2011, cerca de 3000 pessoas, que passam despercebidas aos olhos de quem atravessa a Caparica em busca de algumas das melhores praias que o centro tem para oferecer.

### 3 – Torre São Sebastião de Caparica | Lazareto Novo

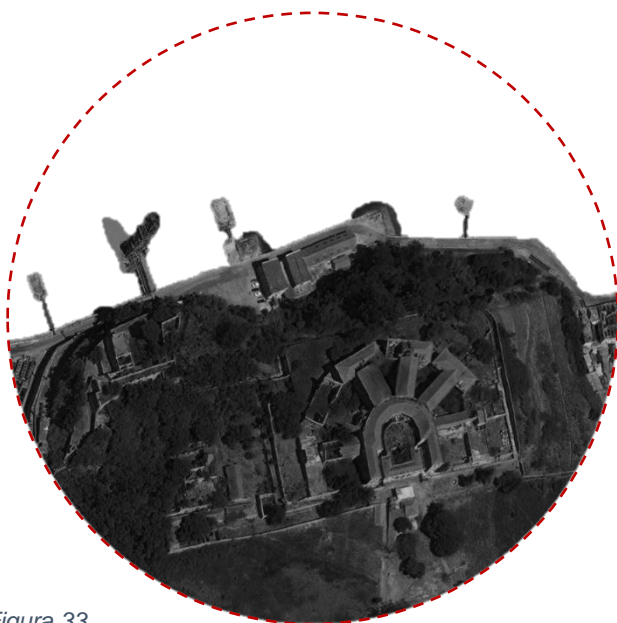


Figura 33

Ortofotomapa, Lazareto de Porto Brandão, Bingmaps, 2018

*"dos mais importantes  
exemplares da arquitectura militar  
renascentista portuguesa. Foi dos primeiros sistemas integrados de artilharia para defesa da  
barra de um estuário desenvolvidos em Portugal nos finais do século XV" (Igespar in Lopes,  
2012)*

*Instalou-se la um quartel de droga, barricaram os acessos com portas blindadas, deu  
muito trabalho a pô-los daqui para fora. □□*

*"A peça de luxo [escadaria principal], a melhor peça de arquitectura do edifício."  
(Pinheiro in Granadeiro, 2014)*

#### Observações:

Um velho forte, conhecido por Forte de S. Sebastião da Caparica, ou Torre Velha. Classificado como monumento nacional a 29 de Maio de 2012 (Decreto n.º 11/2012). Fortificou a barra do Tejo, ajudou no controlo de propagação de doenças, abrigou crianças desfavorecidas, serviu de sede de ilegalidades até que por fim chega aos dias de hoje como uma bolha temporal, encantadora e inacessível.

17 – Entrevista com guarda do terreno, senhor Xarepa

Local:

Porto Brandão

Espaço Temporal:

Fortaleza da Torre Velha –

Segunda metade do séc. XV

Lazareto Novo – construído a 1869

Memórias:

Local:

Quinta da Palença, Pragal, Almada

Espaço temporal:

Séc. XVII

Memórias:

*“Construção seiscentista com arranjos do séc. 19. (...) Exemplo notável de integração na paisagem (encosta S. do Rio Tejo), dominando visualmente a cidade e o estuário do rio” (Mendonça, 1992)*

*“... está hoje totalmente adulterado pela perturbação visual do complexo industrial da Tagol” (Mendonça, 1992)*

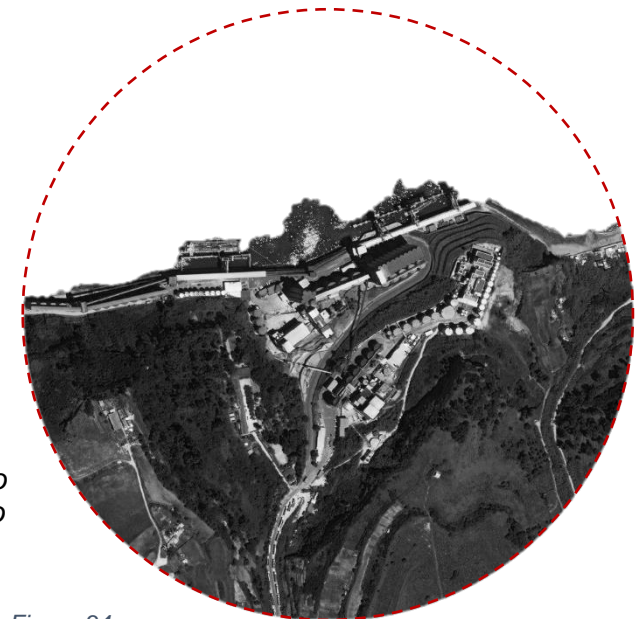


Figura 34

Ortofotomapa, 2º Torrão, Bingmaps, 2018

*“No espaldar de acesso ao túnel, no jardim, um brasão gravado sobre o vão de acesso e uma lápide em latim datada de 1713.” (Mendonça, 1992)*

Observações:

Atualmente o espaço é explorado, pela Associação Valdecor - Instituição Particular de Solidariedade Social, no entanto, aproveitando a sua localização excecional relativamente a Lisboa e aleado ao já pertencente cais na zona de ribeirinha, possivelmente, criar uma nova estação fluvial “encurtando” o trajeto Porto Brandão – Cacilhas, incutindo novos acessos ao Pragal.

## 5 – Quinda da Arealva

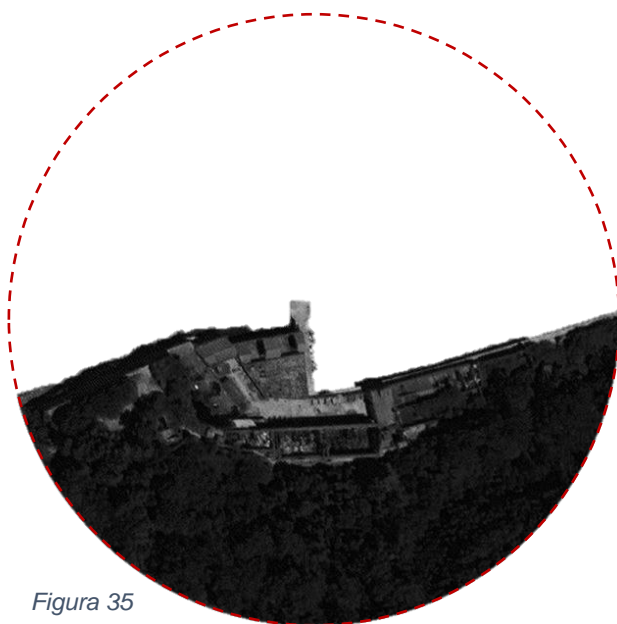


Figura 35

Ortofotomapa, Quinta da Arealva, Bingmaps, 2018

Local:

Olho de Boi, Gijal, Almada

Espaço Temporal:

Finais do séc. XVII inícios do séc.

XVIII

Memórias:

*“A Quinta da Arealva continua a ser um lugar especial no concelho de Almada, apesar do abandono a que tem sido votada nos últimos anos” (Milheiro, 2009)*

*“A sua beleza tem conseguido resistir a quase tudo, provavelmente graças à cumplicidade que continua a manter com as águas do Tejo. Beleza que também pode ser associada ao seu nome, bastante singular e original” (Milheiro, 2009)*

*“Por ser isolado do restante cais, este local torna-se num paraíso arquitectónico pela sua introversão em relação a toda a urbe que o cerca... é um dos locais mais recatados das imediações de Lisboa” (Silva, 2010)*

### Observações:

No decorrer do reinado de D. Pedro II foi, aqui, construído o Forte da Fonte da Pipa. Mais tarde fora abandonado, sendo deixado ao encargo de Domingos Afonso, antigo proprietário da Quinda da Arealva. Tornando-a uma das maiores indústrias de tanoaria do concelho. Dá pena ver cair no esquecimento um edificado que tantas histórias nos tem para contar e que tanto impulsionou a zona.

Local:

Margueira, Cacilhas, Almada

Espaço temporal:

1967

Memórias:

*"A Lisnave era praticamente uma cidade dentro de outra cidade, a funcionar 24 horas por dia, 365 dias por ano" (Milheiro in Ferro, 2018)*

*"Quando passo ali vem uma mágoa. Aquilo foi uma grande casa. (...) Conhecíamos-nos todos pelo nome ou pelo local onde trabalhávamos" (Mitra in Ferro, 2018)*

*"Em Almada ficou o pórtico, os edifícios vazios, a erva a crescer e a esperança de que a zona volte a ganhar um dia o dinamismo que já teve." (Ferro, 2018)*

Observações:

Contribuiu para o crescimento de Almada, agregando Laranjeiras, Cacilhas e Cova da Piedade ao seu termo. Um terreno que fechou portas deixando memórias, boas e más, aos seus inúmeros trabalhadores, contudo, poucas são as pessoas que falam com despeito deste importante marco económico.

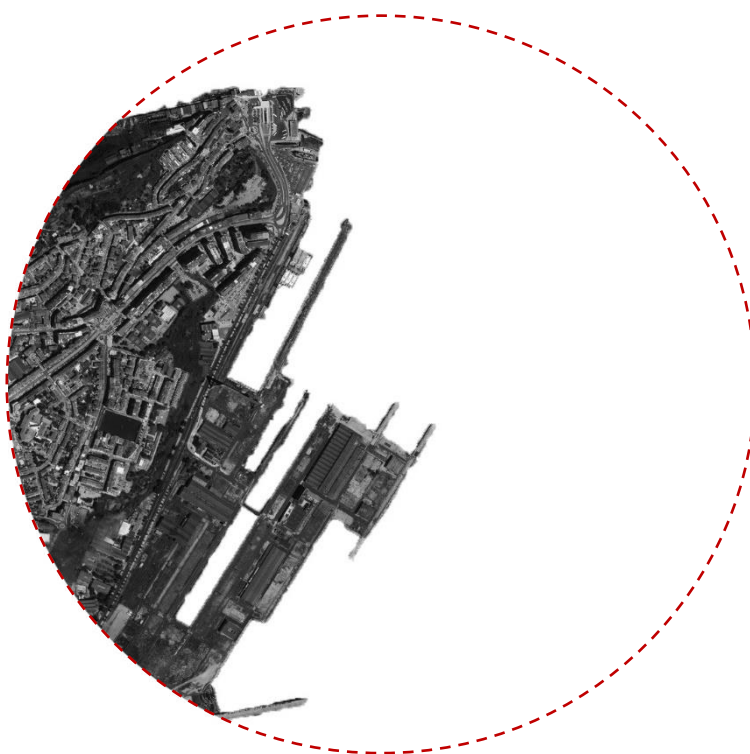


Figura 36

Ortofotomapa, Margueira, Bingmaps, 2018



## O Caso Porto Brandão

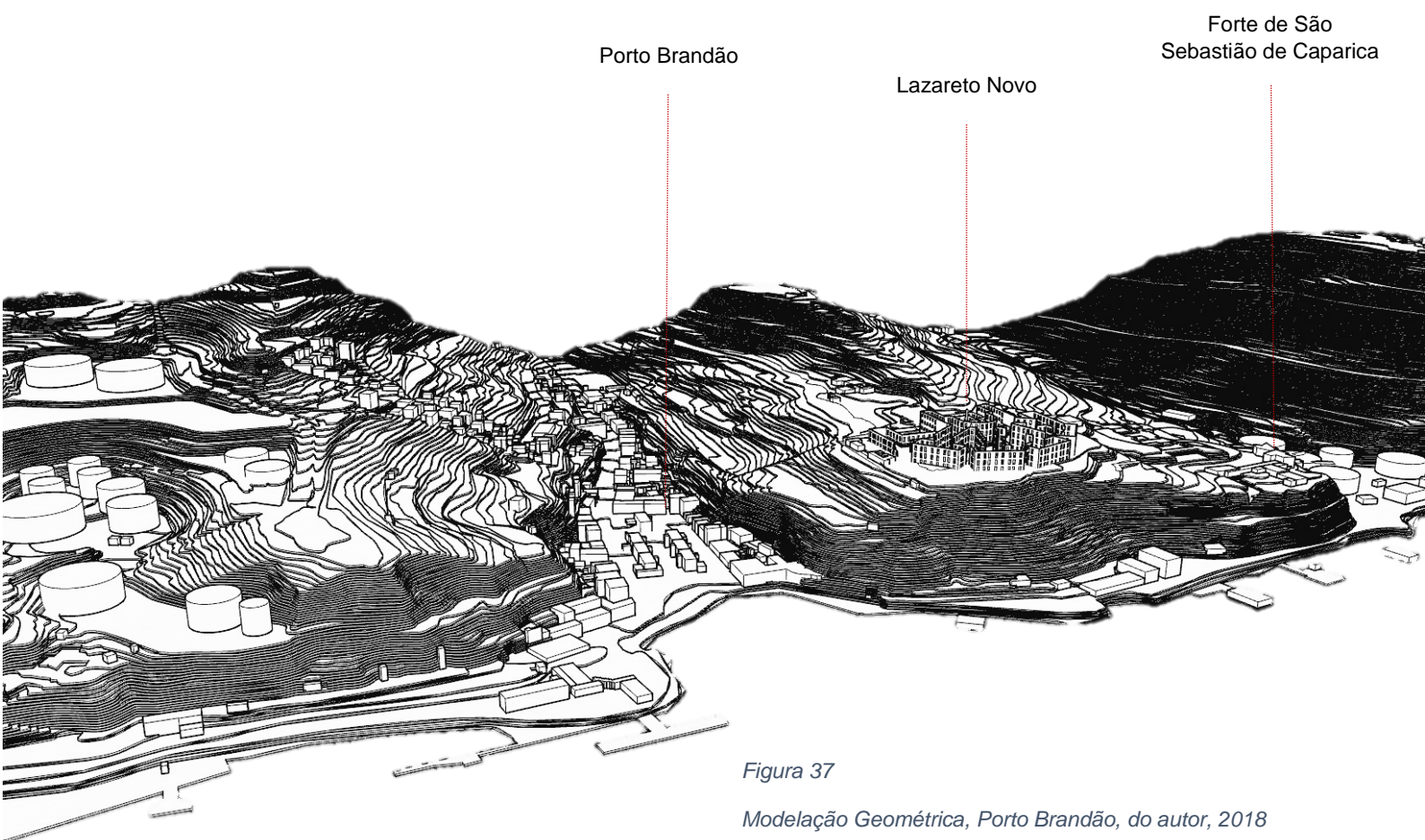


Figura 37

Modelação Geométrica, Porto Brandão, do autor, 2018

## O Porto Brandão, a *Torre Velha* e o *Lazareto Novo*

Concluída *A Lista*, de entre os seis elementos analisados, um seduz-nos mais que os outros pelo seu *canto*. De fato, o Forte de São Sebastião de Caparica□□, mais precisamente o seu Lazareto Novo□□, não tem como não saltar à vista na leitura da paisagem. Um grande edificado, com uma localização magnífica, e esquecido. Estagnado numa bolha temporal, trata-se de um espaço que hoje procura sobreviver ao tempo em vez de viver nele, participando na sociedade.

Proveniente de uma lenda□°, Porto Brandão surge na história como uma típica povoação ribeirinha de pescadores e catraieiros, que embora de pequena dimensão, fazia sentir a sua presença pela marca icónica na envolvente, o conjunto arquitetónico constituído pela Torre de S. Sebastião de Caparica, mostra-se um exemplar de arquitetura militar renascentista. Para além da Torre, o Lazareto Novo que, em 1570, D. Sebastião reabilita o Forte anteriormente mencionado anexando o Lazareto do Porto de Lisboa. Na *Era dos Descobrimentos*, servia de escala à chegada à capital, a pessoas e mercadorias oriundas de países tropicais que ficavam aqui de quarentena, contribuindo para o controlo da propagação de doenças no país.

18 – Também conhecido por *Torre Velha* ou *Torre de S. Sebastião de Caparica*, erguida pela vontade de D. João II.

19 – Também conhecido por Asilo 28 de Maio

20 – Segundo consta, o nome Porto Brandão será oriundo de uma trágica história de amor. Onde Paulina – filha de um homem poderoso – é separada do seu amante Brandão – jovem carpinteiro – este procurando atingir a embarcação de lhe levar a alma gémea é capturado pelo capitão, morto e lançado ao rio. Paulina numa desesperada tentativa de se reconectar com o seu grande amor lança-se ao rio acabando por morrer também. O corpo de Paulina foi dar à costa no sítio atualmente conhecido por Praia da Paulina, enquanto o corpo do jovem carpinteiro foi dar à costa no atual Porto Brandão.

Figura 38

Vista Aérea, Porto Brandão, Alçado Poente, do autor, 2017

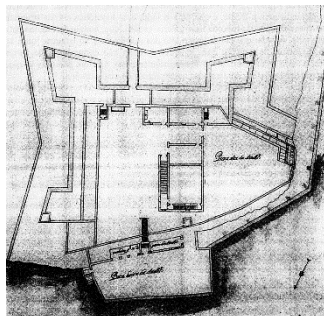






*Figura 39*

*Fotografia, Torre Velha, C.M. Almada, 2017*



*Figura 40*

*Planta, Torre Velha 1693, C.M. Almada, 2017*



*Figura 41*

*Fotografia, Torre Velha, C.M. Almada, 2017*

Mais tarde em 1869, concluía-se a reabilitação deste Lazareto de Lisboa que viria a ser conhecido por Lazareto Novo, um ícone, nas instalações do género, por toda a Europa. Contudo, nesta iniciativa de reconstrução a Torre Velha não se mostrou prestável e não resistindo aos novos rumos foi demolida, hoje restam apenas traços de uma presença ainda marcante.



*Figura 42*

*Fotografia, Torre Velha, J.Gil Almeida, 2011*



*Figura 43*

*Fotografia, Torre Velha, J.Gil Almeida, 2011*



*Figura 44*

*Fotografia, Torre Velha, J.Gil Almeida, 2011*



*Figura 45*

*Fotografia, Torre Velha, J.Gil Almeida, 2011*



*Figura 46*

*Fotografia, Torre Velha, J.Gil Almeida, 2011*

Dotada de um clima ameno, esta pequena localidade portuguesa surge no alçado da Margem Sul rodeada de terrenos que outrora estavam cultivados mas que hoje se encontram abandonados. Porém, em zonas mais altas, notam-se algumas marcas de vegetação densa, como matos, pinhais e eucaliptais e na zona ribeirinha, as pequenas hortas parecem surgir um pouco por todo o lado. No levantamento do Património Natural, levado a cabo pelo Centro de Arqueologia de Almada, foram identificadas 203 plantas, onde 51 possuem propriedades aromáticas que desde sempre caracterizaram a ambiência do local, ambiência essa que, nas páginas que se seguem, procuraremos estimar e readaptar.

Vivendo desde cedo da atividade agrícola e piscatória, depois de muitas mudanças chega ainda aos dias de hoje com o único estaleiro naval ativo em toda a Margem Sul. A localidade mostra, portanto, uma eterna aliança com o Tejo, incutindo muito da sua cultura.



Figura 47  
Fotografia, Antiga sede da Coop. de  
Catraeiros, do autor, 2017



Figura 48  
Fotografia, Rua Bento Jesus Caraça, C.A.A., 2018

Contudo, hoje esta pequena célula do território nacional, que tanto auxiliou no desenvolvimento do país e da capital, parece cada vez mais desvanecer. *"Na noite da última quinta-feira, até os quatro restaurantes que sobrevivem, à boleia das famosas carvoadas, estavam vazios. Como se de uma aldeia fantasma se tratasse"* (Dores, 2015) e a gente que por ali ainda vive, é com lamento que se lembra da sua localidade, ao ver Porto Brandão chegar ao cenário desolador em que se encontra, *"Era uma grande dinâmica e as pessoas tinham cá os filhos, que cresciam aqui e construíam cá família. Olhe ao que chegámos"* (Toucinho in Dores, 2015) refere um antigo morador da zona numa entrevista ao *Diário de Notícias* olhando toda a ruína nas proximidades. A Câmara de Almada mostrou, já nesta entrevista, interesse em explorar o Porto Brandão, incentivando muita da reconstrução do edificado devoluto desta localidade. Contudo, esta entrevista passou-se em 2015, e Porto Brandão entra agora em 2020 no mesmo ponto em que se encontrava então, o mesmo cenário, a mesma ruína.

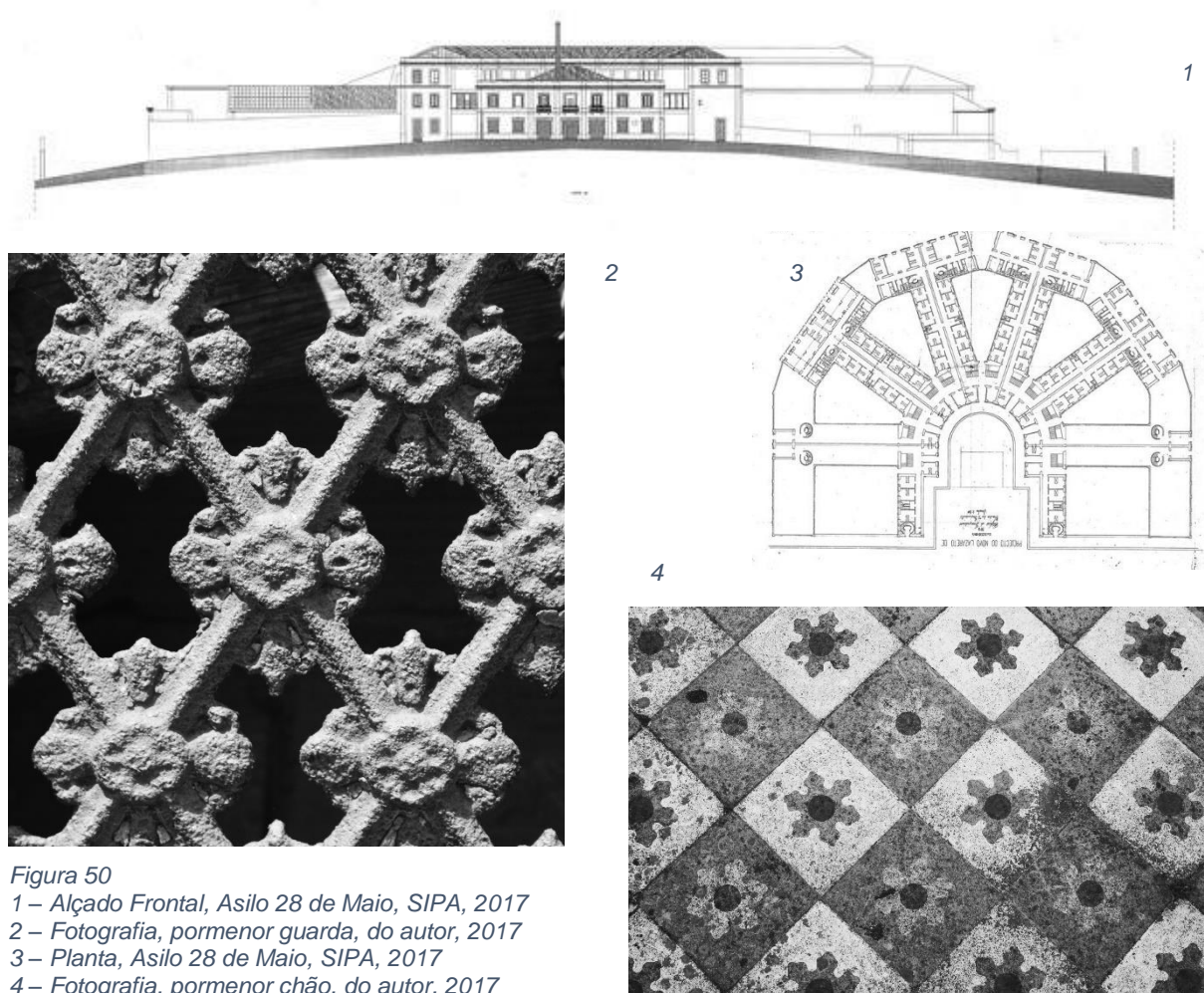


A Torre Velha lá se mantém, *cravada* na encosta, no entanto o *Lazareto Novo*, que a partir de 1928, ao serviço da Casa Pia, deu teto a algumas raparigas pobres até que em 1960 esse teto desaba e o espaço encera portas. Hoje, o Lazareto que de novo tem muito pouco, é o *orador* desta colina. De fato a sua imponente não se desmoronou como as suas paredes e lajes, mantém a sua alma marcada por todos os acontecimentos pelos quais passou.



Figura 49  
Composição Fotográfica,  
Asilo 28 de Maio, do autor,  
2017





Nesta fase do trabalho, e para melhor entender o terreno e o objeto de estudo, o estudo de algumas maquetes mostrou-se por vezes mais esclarecedor que qualquer fotografia ou até mesmo uma visita ao local. Num primeiro momento analisámos um troço da Margem Sul (da ponte 25 de Abril até para lá da praia da Paulina), onde estudamos a sua morfologia e a relação com o rio Tejo.

Já numa segunda fase, focamos a nossa visão no conjunto do qual surgiu uma pequena mas maleável maquete. Esta permitiu já um estudo da volumetria da ruína e deste novo ser que tem origem no seu interior.

## O Programa e os Objetivos

Este trabalho procura assim a reabilitação do Porto Brandão, vendo na reabilitação do *Lazareto Novo* um ótimo ponto de partida. Apostando numa instituição de ensino virada para a tecnologia, um novo barco que nos lançará nesta nova era que se aproxima. A sua estrutura existente de grande envergadura mostrou-se um desafio no que toca à readaptação a uma nova utilização. Desenhou o vazio sem nunca esquecer que este espaço serve não só os alunos mas todos os seus utilizadores. Pretende-se criar um espaço público de elevado interesse cultural e social, um espaço *Ágora* – um local de encontro e partilha de ideias e questões – onde a confusão do quotidiano é balanceada pela rigidez estrutural da ruína.

A este conjunto edificado selecionado, do qual faz parte a Torre Velha, o Lazareto Novo e as demais volumetrias auxiliares, foi alargado englobando também as volumetrias pertencentes ao único estaleiro de construção naval ainda presente na Margem Sul. Até que por fim chegamos ao conjunto total e ao respetivo programa.

### Zoneamento:

Asilo 28 Maio

Forte São Sebastião da Caparica

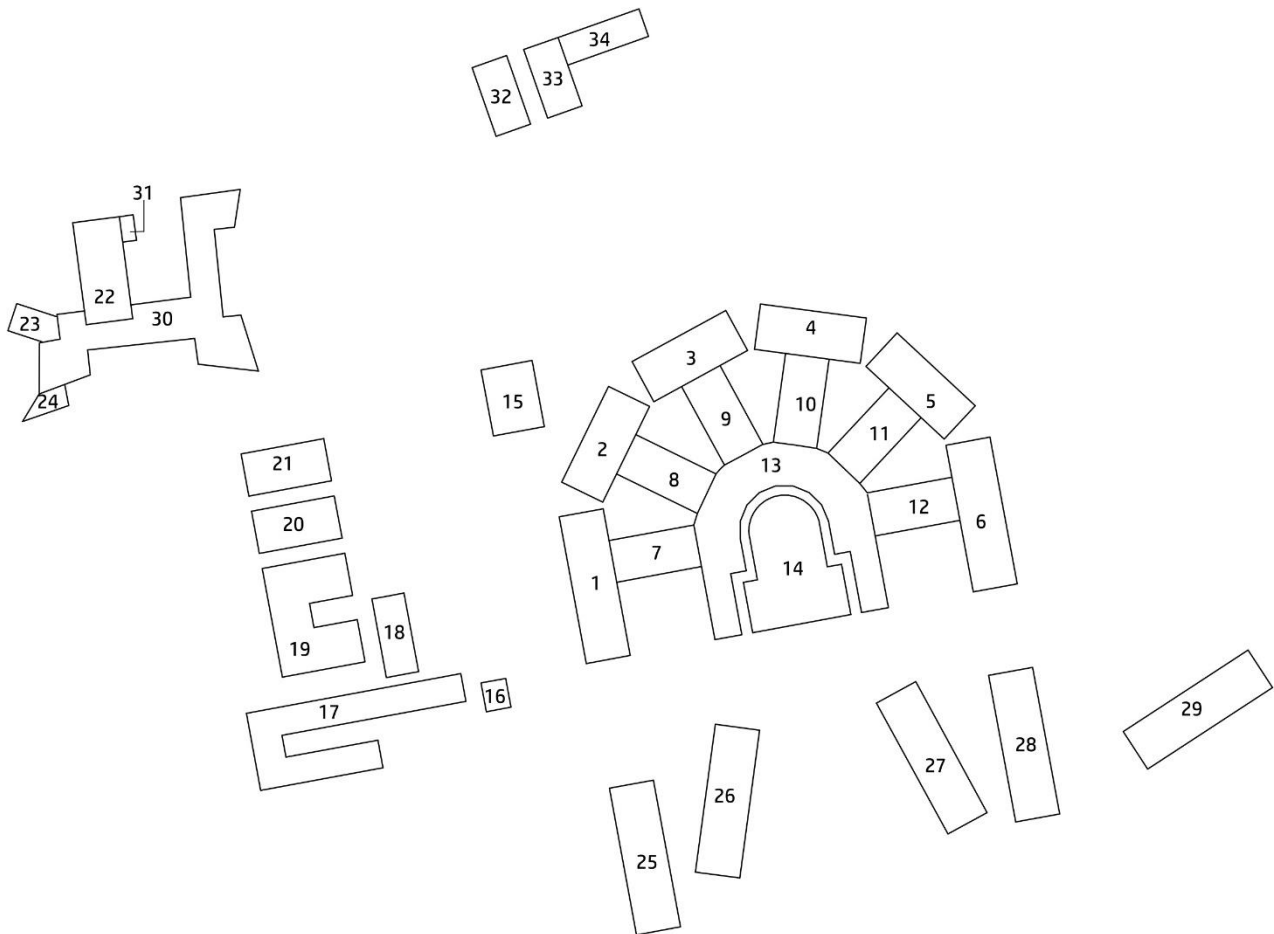
Blocos Auxiliares

Linha de Água

Nova Construção



Figura 51  
Diagrama, Programa Conjunto Arquitetônico do Porto  
Brandão, do autor, 2018,



2 e 8

Area(total) = A2 + A8 = 668 m<sup>2</sup>/piso

Piso 0 :	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Laboratório Biologia	176 m <sup>2</sup>	x2	352 m <sup>2</sup>	
- Sala de Preparação	24 m <sup>2</sup>	x2	48 m <sup>2</sup>	
- Arquivo	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	668 m <sup>2</sup> - 515 m <sup>2</sup> = 153 m <sup>2</sup>
- Balneário	25 m <sup>2</sup>		25 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	153 m <sup>2</sup> livres :
- Apoio	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
Piso 1 :				Total: - Circulação = 515 m <sup>2</sup> - Acessos Verticais
- Salas de Aula	40 m <sup>2</sup>	x5	200 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	515 m <sup>2</sup> - 350 m <sup>2</sup> = 165 m <sup>2</sup>
- Auditório	90 m <sup>2</sup>		90 m <sup>2</sup>	
- Arquivo	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: 165 m <sup>2</sup> livres : = 350 m <sup>2</sup>
Piso 2 :				- Circulação
- Gabinetes dos Prof.	12 m <sup>2</sup>	x7	84 m <sup>2</sup>	350 m <sup>2</sup> - 144 m <sup>2</sup> = 206 m <sup>2</sup>
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- Sala dos Prof.	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	206 m <sup>2</sup> livres :
				Total: = 144 m <sup>2</sup> - Circulação



## 1 e 7

Area(total) = A1 + A7 = 780 m²/piso

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
Piso 0 :				
	20 m²	x5	100 m²	
- Salas de Trabalho	15 m²		15 m²	
- Papelaria	30 m²		30 m²	780 m² - 495 m² = 285 m²
- IS	40 m²		40 m²	
- Sala de Convívio	200 m²		200 m²	285 m² livres :
- Ginasio	100 m²		100 m²	
- Vestuario				Total: - Circulação
				= 495 m² - Acessos Verticais
Piso 1 :				
	40 m²	x5	200 m²	
- Salas de Aula	30 m²		30 m²	495 m² - 310 m² = 189 m²
- IS	40 m²	x2	80 m²	
- Sala de Convívio				Total: 189 m² livres :
				= 310 m²
				- Circulação

## 3, 4, 9 e 10

Area(total) = A3 + A4 + A9 + A10 =  
1336 m²/piso

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
Piso 0 :				
- Sala de Inf. e Mult.	28 m²	x7	196 m²	
- Arrecadação de Mat. Mult.	9 m²		9 m²	
- Sala de Desenho Assistido PC	38 m²	x6	228 m²	
- Laboratório de Inf.	26 m²	x3	78 m²	
- Estúdio Mult.	36 m²	x2	72 m²	1336 m² - 1103 m² = 233 m²
- Arquivo	30 m²		30 m²	
- Auditório	90 m²	x3	270 m²	
- Espaço de Tecnologias	75 m²	x2	150 m²	233 m² livres :
- IS	60 m²		60 m²	Total:
- Loja Informatica	30 m²		30 m²	= 1103 m² - Circulação
				- Acessos Verticais
Piso 1 :				
- Salas de Aula	40 m²	x10	400 m²	
- Gabinetes Prof.	12 m²	x5	60 m²	
- Auditório	90 m²	x3	270 m²	Total: 1103 m² - 790 m² = 313 m²
- IS	20 m²	x3	60 m²	= 790 m²
				313 m² livres :
				- Circulação
Piso 2 :				
- Gabinetes dos Prof.	12 m²	x3	36 m²	
- Auditório	90 m²	x2	180 m²	
- Sala de Aula	40 m²	x5	200 m²	Total:
- IS	30 m²		30 m²	= 446 m²
				790 m² - 446 m² = 344 m²
				344 m² livres :
				- Circulação

## 5 e 11

Area(total) = A5 + A11 = 668 m<sup>2</sup>/  
 piso

Calculos Auxiliares:

$$668 \text{ m}^2 - 544 \text{ m}^2 = 124 \text{ m}^2$$

	Area:	Nº x:	Area+:	
Piso 0 :				124 m <sup>2</sup> livres :
- Sala de Desenho Tecnico	38 m <sup>2</sup>	x3	114 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: - Circulação
- Oficinas de Artes Graficas	100 m <sup>2</sup>	x4	400 m <sup>2</sup>	= 544 m <sup>2</sup> - Acessos Verticais
Piso 1 :				544 m <sup>2</sup> - 454 m <sup>2</sup> = 90 m <sup>2</sup>
- Salas de Aula	40 m <sup>2</sup>	x7	280 m <sup>2</sup>	Total: 90 m <sup>2</sup> livres :
- Salas de Desenho Tecnico	38 m <sup>2</sup>	x3	150 m <sup>2</sup>	= 454 m <sup>2</sup> - Circulação
Piso 2 :				
- Gabinetes dos Prof.	12 m <sup>2</sup>	x10	120 m <sup>2</sup>	454 m <sup>2</sup> - 330 m <sup>2</sup> = 124m <sup>2</sup>
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: 124 m <sup>2</sup> livres :
- Auditório	90 m <sup>2</sup>	x2	180 m <sup>2</sup>	= 330 m <sup>2</sup> - Circulação

## 6 e 12

Area(total) = A6 + A12 = 780 m<sup>2</sup>/  
 piso

Calculos Auxiliares:

$$780 \text{ m}^2 - 670 \text{ m}^2 = 110 \text{ m}^2$$

	Area:	Nº x:	Area+:	
Piso 0 :				110 m <sup>2</sup> livres :
- Sala de Aula	40 m <sup>2</sup>	x5	200 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- Sala de Convivio	40 m <sup>2</sup>		40 m <sup>2</sup>	
- Piscina Interior	300 m <sup>2</sup>		300 m <sup>2</sup>	
(pé direito duplo)				Total: - Circulação
Vestuário	100 m <sup>2</sup>		100 m <sup>2</sup>	= 670 m <sup>2</sup> - Acessos Verticais
Piso 1 :				
- Salas de Aula	40 m <sup>2</sup>	x5	200 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	670 m <sup>2</sup> - 550 m <sup>2</sup> = 120 m <sup>2</sup>
- Bar + Arrecadação	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	Total: 120 m <sup>2</sup> livres :
- Piscina Interior	300 m <sup>2</sup>		300 m <sup>2</sup>	= 550 m <sup>2</sup> - Circulação
(pé direito duplo)				

13

Area(total) = A13 = 2151 m<sup>2</sup>

Piso 0 :	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Acessos Verticais				
- Circulação				
- Bar + Arrecadação	16 m <sup>2</sup>			
- Cozinha e Anexos	60 m <sup>2</sup>			
- Sala de Refeições	120 m <sup>2</sup>			2151 m <sup>2</sup> - 416 m <sup>2</sup> = 2099 m <sup>2</sup>
- IS	50 m <sup>2</sup>			
- Salas de Leitura	50 m <sup>2</sup>			
- "Shed" Apoio Jardim	30 m <sup>2</sup>			2099 m <sup>2</sup> livres :
- Esplanada	30 m <sup>2</sup>			
- Associação de Estudantes	20 m <sup>2</sup>			
- Sala/Zona de Convivio	40 m <sup>2</sup>			
			Total:	- Circulação
			= 416 m <sup>2</sup>	- Acessos Verticais
				- Espaço Contemplativo

14

Area(total) = A14 = 635 m<sup>2</sup>/pisos (x3)

Piso 0 :	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Arrecadação de Limpeza	110 m <sup>2</sup>	(+40)	150 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>	(+20)	50 m <sup>2</sup>	
- Sala de Pessoal/Vestuario	12 m <sup>2</sup>	(+13)	25 m <sup>2</sup>	
- Arquivo Geral	30 m <sup>2</sup>	(+10)	40 m <sup>2</sup>	
- Zona de Arcada	+/-120 m <sup>2</sup>		+/-120 m <sup>2</sup>	635 m <sup>2</sup> - 455 m <sup>2</sup> = 180 m <sup>2</sup>
- Gabinete Médico	12 m <sup>2</sup>	(+8)	20 m <sup>2</sup>	
- Gabinete Pedagógico	15 m <sup>2</sup>	(+15)	30 m <sup>2</sup>	
- Gabinete de Psicologia	12 m <sup>2</sup>	(+8)	20 m <sup>2</sup>	Total: 180 m <sup>2</sup> livres :
				= 455 m <sup>2</sup>
				- Circulação
				- Acessos Verticais
Piso 1 :				
	275 m <sup>2</sup>	(+15)	300 m <sup>2</sup>	
- Atrio Principal e Recepção	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	
- Bar + Arrecadação	65 m <sup>2</sup>	(+35)	100 m <sup>2</sup>	
- Secretaria e Arquivo	30 m <sup>2</sup>	(+20)	50 m <sup>2</sup>	Total: 455 m <sup>2</sup> - 510 m <sup>2</sup> = -55 m <sup>2</sup>
- IS	20 m <sup>2</sup>	(+20)	40 m <sup>2</sup>	= 510 m <sup>2</sup> -55 m <sup>2</sup> "suspensos" :
- Tesouraria				
Piso 2 :				
	9 m <sup>2</sup>	(+9)	18 m <sup>2</sup>	
- Sala dos Professores	15 m <sup>2</sup>	(+15)	30 m <sup>2</sup>	
- Gabinete de Direcção	9 m <sup>2</sup>	x4	54 m <sup>2</sup>	
- Sala dos Coordenadores	30 m <sup>2</sup>	(+20)	50 m <sup>2</sup>	510 m <sup>2</sup> - 268 m <sup>2</sup> = 242 m <sup>2</sup>
- IS	12 m <sup>2</sup>	x3	36 m <sup>2</sup>	Total: 242 m <sup>2</sup> livres :
- Gabinetes dos Professores	40 m <sup>2</sup>	x2	80 m <sup>2</sup>	= 268 m <sup>2</sup> - Circulação
- Sala de Reuniões				

15

Area(total) = A15 = 230 m<sup>2</sup>

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Bar + Arracadação	16 m <sup>2</sup>	(+4)	20 m <sup>2</sup>	
- IS	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	230 m <sup>2</sup> - 105 m <sup>2</sup> = 125 m <sup>2</sup>
- Cozinha e Anexos	50 m <sup>2</sup>		50 m <sup>2</sup>	
- Tabacaria	15 m <sup>2</sup>		15 m <sup>2</sup>	Total: = 105 m <sup>2</sup> 125 m <sup>2</sup> livres :
				- Circulação - Zona de Atendimento e Esplanada Coberta

16

Area(total) = A16 = 41 m<sup>2</sup>

Casa do Guarda :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Zona de Refeição	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- IS	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- Zona de controlo (informatica)	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- Zona de Arquivo	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	41 m <sup>2</sup> - 36 m <sup>2</sup> = 5 m <sup>2</sup>
- Zona de Atendimento	10 m <sup>2</sup>		10 m <sup>2</sup>	
- Zona Exterior Abrigada	6 m <sup>2</sup>		6 m <sup>2</sup>	Total: = 36 m <sup>2</sup> 5 m <sup>2</sup> livres

17

Area(total) = A17 = 665 m<sup>2</sup>

Mediateca :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Recepção	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- Hemoteca	10 m <sup>2</sup>		10 m <sup>2</sup>	
- Bibliotecta	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	
- Videoteca e Cinemateca	10 m <sup>2</sup>		10 m <sup>2</sup>	
- Informatica	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	
- Gabinete do Catalogador	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	665 m <sup>2</sup> - 313 m <sup>2</sup> = 352 m <sup>2</sup>
- Bar + Arrecadação	16 m <sup>2</sup>		16 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	352 m <sup>2</sup> livres
- Sala de Leitura	40 m <sup>2</sup>		40 m <sup>2</sup>	
- Papelaria	12 m <sup>2</sup>		12 m <sup>2</sup>	
- Esplanada	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	(Zona de Leitura Exterior   Espaço Contemplativo Exterior)
- Salas de Trabalho	20 m <sup>2</sup>	x5	100 m <sup>2</sup>	Total: = 313 m <sup>2</sup>

18

Area(total) = A18 = 166 m<sup>2</sup>

Restauração :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Zona de Refeições (Self-service)	80 m <sup>2</sup>		80 m <sup>2</sup>	
- Zona de Confeção e Aquecimento	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	166 m <sup>2</sup> - 150 m <sup>2</sup> = 16 m <sup>2</sup>
- Zona de Cacifos	10 m <sup>2</sup>		10 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: = 150 m <sup>2</sup> 16 m <sup>2</sup> livres

19

Area(total) = A19 = 551 m<sup>2</sup>

Restauração :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Zona de Mercado	20 m <sup>2</sup>	x5	100 m <sup>2</sup>	551 m <sup>2</sup> - 355 m <sup>2</sup> = 196 m <sup>2</sup> Total: = 355 m <sup>2</sup> 196 m <sup>2</sup> livres
- Zona de Refeição	125 m <sup>2</sup>		125 m <sup>2</sup>	
- Arrumos de Limpeza Geral	100m <sup>2</sup>		100 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	

20

Area(total) = A20 = 236 m<sup>2</sup>

Produção | Estudos :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Audio-Visual	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	236 m <sup>2</sup> - 160 m <sup>2</sup> = 76 m <sup>2</sup> Total: = 160 m <sup>2</sup> 76 m <sup>2</sup> livres
- Grafico	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- Arrecadação	5 m <sup>2</sup>		5 m <sup>2</sup>	
- Espaço Tecnológico	75 m <sup>2</sup>		75 m <sup>2</sup>	
- IS	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	
- Estudio	36 m <sup>2</sup>		35 m <sup>2</sup>	

21

Area(total) = A20 = 236 m<sup>2</sup>

Estufa :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Zona de Estufa	100 m <sup>2</sup>		100 m <sup>2</sup>	236 m <sup>2</sup> - 210 m <sup>2</sup> = 26 m <sup>2</sup> Total: = 210 m <sup>2</sup> 26 m <sup>2</sup> livres
- "Shed" Apoio à estufa	90 m <sup>2</sup>		90 m <sup>2</sup>	
- Sala de Pessoal/Vestuario	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	

22

Area(total) = A22 = 350 m<sup>2</sup>/pisos  
(x3)

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Oficinas de Artes Graficas	100 m <sup>2</sup>	x3	300 m <sup>2</sup>	350 m <sup>2</sup> - 380 m <sup>2</sup> = -30 m <sup>2</sup> Total: = 380 m <sup>2</sup> -30 m <sup>2</sup> compensados com A30
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- Arquivo	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- Loja Informática	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	

Piso 1 :

- Oficina de Artes graficas	100 m <sup>2</sup>	x2	200 m <sup>2</sup>	350 m <sup>2</sup> - 305 m <sup>2</sup> = 45 m <sup>2</sup> Total: = 305 m <sup>2</sup> 45 m <sup>2</sup> livres : Circulação
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- Espaços Tecnologias	75 m <sup>2</sup>		75 m <sup>2</sup>	

Piso 2 :

- Auditorio	90 m <sup>2</sup>	x3	270 m <sup>2</sup>	350 m <sup>2</sup> - 300 m <sup>2</sup> = 50 m <sup>2</sup> Total: = 300 m <sup>2</sup> 50 m <sup>2</sup> livres : - Circulação
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	

23

Area(total) = A23 = 65 m<sup>2</sup>/pisos (x2)

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Total:	Calculos Auxiliares:
- Estudio Mult.	36 m <sup>2</sup>		36 m <sup>2</sup>		
- Arquivo	20		20 m <sup>2</sup>	= 56 m <sup>2</sup>	65 m <sup>2</sup> - 56 m <sup>2</sup> = 9 m <sup>2</sup> 9 m <sup>2</sup> livres

Piso 1 :

- Arquivo	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>		
- IS	20 m <sup>2</sup>		20 m <sup>2</sup>	Total: = 50 m <sup>2</sup>	65 m <sup>2</sup> - 50 m <sup>2</sup> = 15 m <sup>2</sup> 15 m <sup>2</sup> livres : Circulação

24

Area(total) = A24 = 43 m<sup>2</sup>

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Total:	Calculos Auxiliares:
- Gabinetes dos Professores	12 m <sup>2</sup>	x2	24 m <sup>2</sup>		
- Sala de Professores	16 m <sup>2</sup>		16 m <sup>2</sup>	= 40 m <sup>2</sup>	43 m <sup>2</sup> - 40 m <sup>2</sup> = 3 m <sup>2</sup> 3 m <sup>2</sup> livres

30

Area(total) = A30 = 930 m<sup>2</sup>/pisos (x2)

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Total:	Calculos Auxiliares:
	28 m <sup>2</sup>	x8	224 m <sup>2</sup>		
- Sala de Inf	9 m <sup>2</sup>		9 m <sup>2</sup>		930 m <sup>2</sup> - 803 m <sup>2</sup> = 127 m <sup>2</sup>
-Arrecadação de Mat. Multi	12 m <sup>2</sup>	x13	156 m <sup>2</sup>		
- Gabinetes dos Professores	26 m <sup>2</sup>	x4	104 m <sup>2</sup>		
- Laboratorio de Inf	40 m <sup>2</sup>	x7	280 m <sup>2</sup>		
- Salas de Aula	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: = 803 m <sup>2</sup>	127 m <sup>2</sup> livres: - Acessos Verticais - Circulação - Patios
- IS					

Piso 1 :

	40 m <sup>2</sup>	x8	320 m <sup>2</sup>		
- Salas de Aula	38 m <sup>2</sup>	x4	152 m <sup>2</sup>		
- Sala de Desenho Assitido PC	38 m <sup>2</sup>	x3	114 m <sup>2</sup>		
- Sala de Desenho Tecnico	30 m <sup>2</sup>	x2	60 m <sup>2</sup>		
- Arquivo	40 m <sup>2</sup>		40 m <sup>2</sup>		
- Zona de Convivio	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total: = 716 m <sup>2</sup>	930 m <sup>2</sup> - A(patios)) - 716 m <sup>2</sup> = 214 m <sup>2</sup> 214 m <sup>2</sup> livres : - Acessos Verticais - Circulação - Patios
- IS					

31

Area(total) = A31 = 30 m<sup>2</sup>

Piso 0 :

	Area:	Nº x:	Area+:	Total:	Calculos Auxiliares:
- Bar + Arrecadação	16 m <sup>2</sup>		16 m <sup>2</sup>		
- Cozinha	10 m <sup>2</sup>		10 m <sup>2</sup>	Total: = 26 m <sup>2</sup>	30 m <sup>2</sup> - 26 m <sup>2</sup> = 4 m <sup>2</sup> 4 m <sup>2</sup> livres

## 25, 26, e 27

Area(total) = A25 + A26 + A27 =  
1545m<sup>2</sup>/pisos

Piso 0 :	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Oficina de Mecânica	340 m <sup>2</sup>		340 m <sup>2</sup>	515 m <sup>2</sup> cada area de base de volume.
- Balneario	25 m <sup>2</sup>		25 m <sup>2</sup>	515 m <sup>2</sup> - 472 m <sup>2</sup> = 43 m <sup>2</sup>
- Arquivo	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	
- IS	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total:
- Sala de Mec. e Modelos	47 m <sup>2</sup>		47 m <sup>2</sup>	= 472 m <sup>2</sup>

### Piso 1 e 2 :

- Habitação Estudantes	30 m <sup>2</sup>	x9	270 m <sup>2</sup>	
- IS comum	70 m <sup>2</sup>		70 m <sup>2</sup>	Total: 472 m <sup>2</sup> - 340 m <sup>2</sup> = 132 m <sup>2</sup>
				= 340 m <sup>2</sup> 132 m <sup>2</sup> livres :
				- Circulação
				- Acessos Verticais

## 28 e 29

Area(total) = A28 + A29 = 1030 m<sup>2</sup>/pisos

Piso 0 :	Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
- Oficina de Electronica Electrotecnica				515 m <sup>2</sup> cada area de base de volume.
- Lab. de Electronica Electrotecnica	100 m <sup>2</sup>	x2	200 m <sup>2</sup>	515 m <sup>2</sup> - 477 m <sup>2</sup> = 38 m <sup>2</sup>
- Arquivo	75 m <sup>2</sup>	x2	150 m <sup>2</sup>	
- IS	50 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	Total:
- Sala de Mec. e Modelos	30 m <sup>2</sup>		30 m <sup>2</sup>	= 477 m <sup>2</sup>
	47 m <sup>2</sup>		47 m <sup>2</sup>	38 m <sup>2</sup> livres :
Piso 1 (29) :				- Circulação
- Auditorio	90 m <sup>2</sup>			- Acessos Verticais
- IS	30 m <sup>2</sup>	x4	360 m <sup>2</sup>	
			30 m <sup>2</sup>	Total: 477 m <sup>2</sup> - 390 m <sup>2</sup> = 87 m <sup>2</sup>
Piso 1 (28) Piso 2 (29) :				= 390 m <sup>2</sup> 87 m <sup>2</sup> livres :
- Habitação Professores	50 m <sup>2</sup>	x5	250 m <sup>2</sup>	- Circulação

## 32, 33 e 34

A32 = 199 m<sup>2</sup>/pisos (x3)

A33 = 199 m<sup>2</sup>/pisos (x2)

A34 = 188 m<sup>2</sup>

Area:	Nº x:	Area+:	Calculos Auxiliares:
-------	-------	--------	----------------------

### Piso 0 :

- Oficinas Nautica (A32 e 33)	340 m <sup>2</sup>	340 m <sup>2</sup>
- Mercado (A34)	180 m <sup>2</sup>	180 m <sup>2</sup>

### Piso 1 :

- Escola de Navegação (A33)	120 m <sup>2</sup>	120 m <sup>2</sup>	Total:
			=

### Piso 2 :

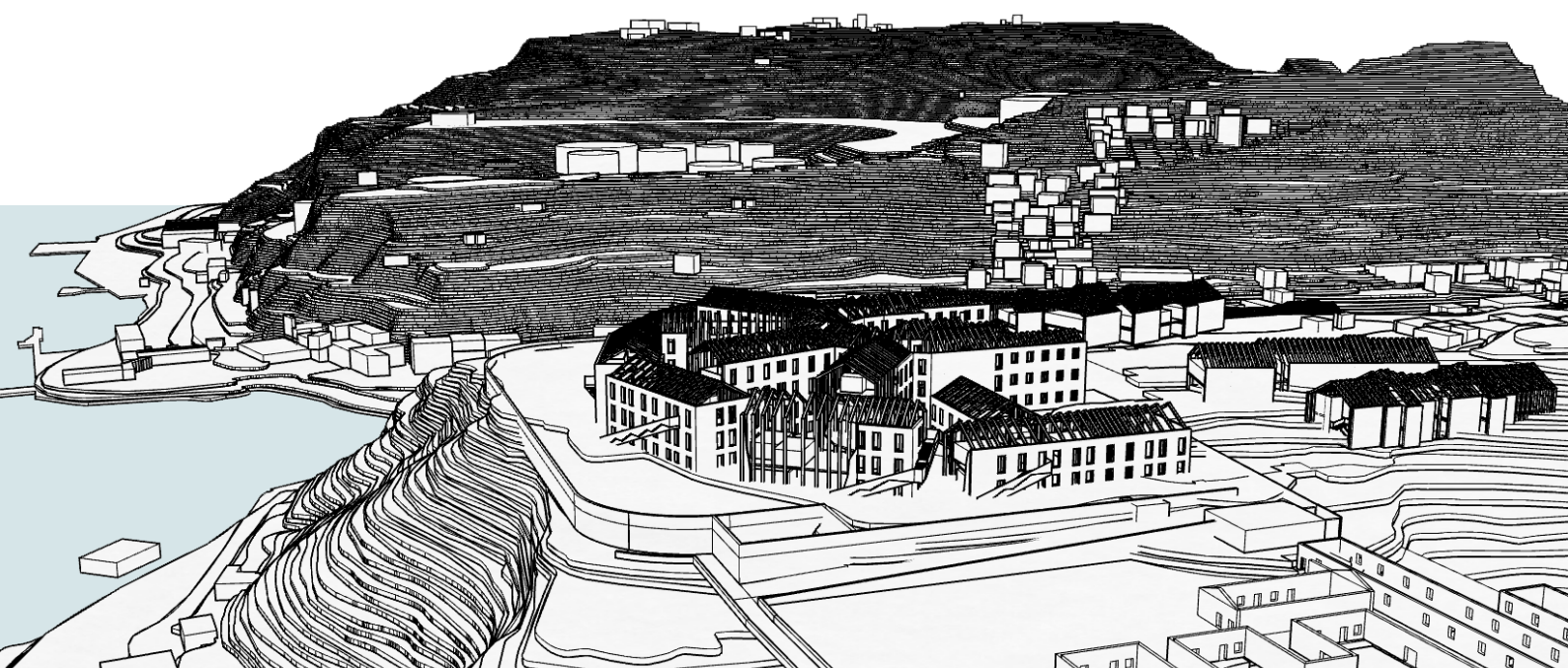
- Clube Naval	90 m <sup>2</sup>	90 m <sup>2</sup>
---------------	-------------------	-------------------

Com este programa procuramos ver na juventude e na tecnologia uma excelente conexão de fatores capazes de devolver alguma da dinâmica de Porto Brandão, que desde a queda da sua indústria tem notado uma baixa populacional de ano para ano.

No entanto, e sem querer desprezar as restantes volumetrias, este trabalho focou-se na voz do Asilo. Para tal, nas páginas que se seguem, entraremos já na dita proposta deste trabalho: a transformação do antigo Asilo numa Faculdade de Tecnologia e Informática.

O projecto inicia-se por uma vontade de estimar a ambiência do espaço readaptando-a à sociedade na qual se insere. Para o devido efeito procuramos olhar a ruína como um elemento natural, algo que por si só fizesse parte da natureza. Surgiu assim a ideia de um novo ser que se movimentava no interior da ruína.

*Figura 52*  
*Modelação Geométrica, Proposta*  
*Asilo 28 de Maio, do autor, 2019*





Essa oscilação, da mesma forma que a da sociedade a leva a desprender-se do seu passado, aqui a *casca* (ruína) parece também estar a soltar-se. Não procurando *atafulhar* a ruína, e em conjunto com uma vontade de preservar a ambiência do espaço, levou a que o programa gera-se novas volumetrias subordinadas ao asilo, desenvolvendo todas as oficinas de mecânica e eletrotécnica. Neste momento ao lembrar os velhos muros, que se encontram um pouco perdidos por todo o terreno, assim como todos os fragmentos de paredes, que com anos de história acabam amontoados pelo chão, defendemos a reciclagem desses diversos pedaços, recordando as paredes em gabião do projeto da Herdade do Rocim.

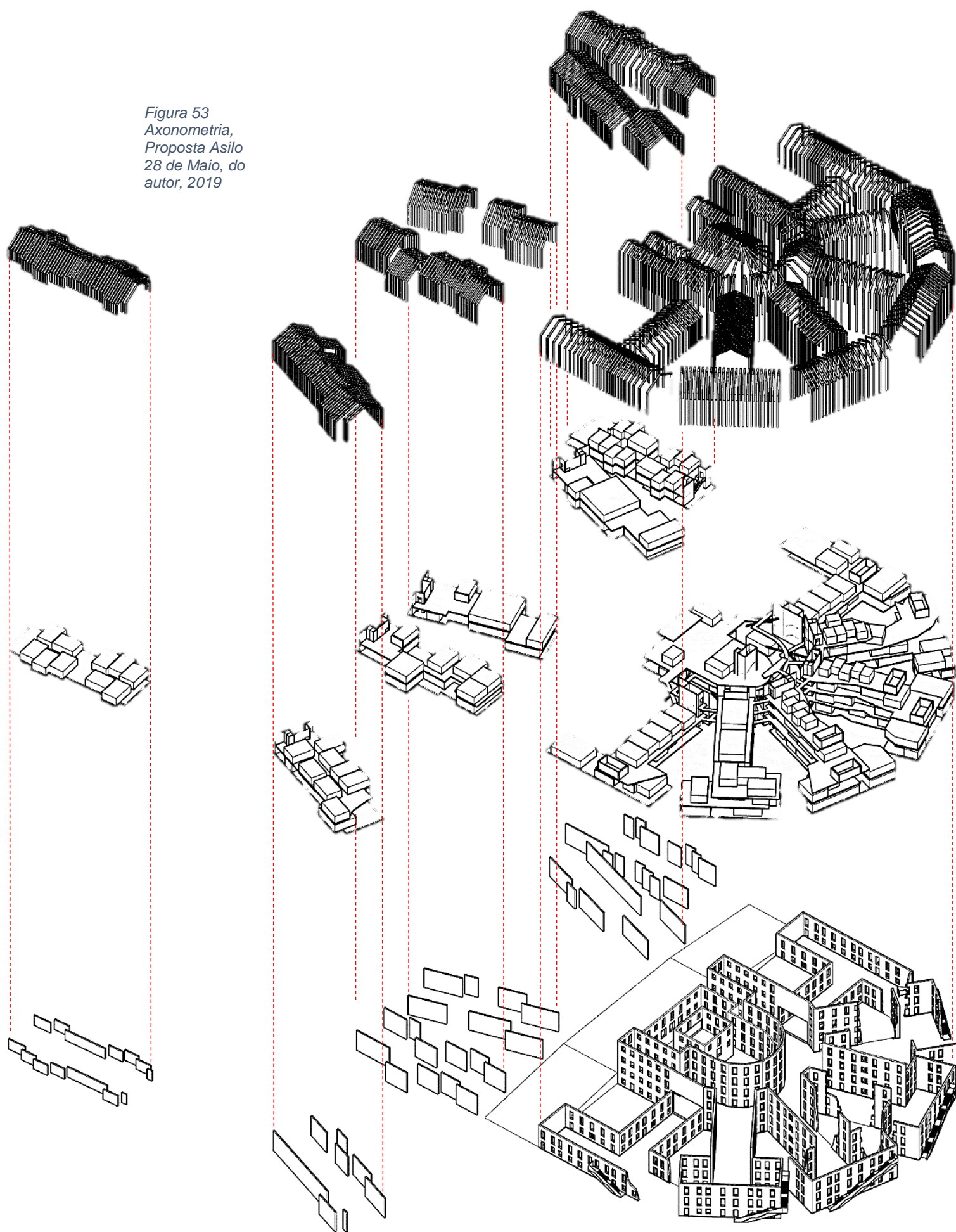
O desenho do espaço público, alvo de uma atenção especial, foi pensado como um grande *Ágora*. Um espaço de livre acesso, um local onde natureza, sociedade e cultura se possam ligar por meio do mesmo elemento arquitetónico.

Por todo o terreno o percurso cose a nova construção, ao asilo e por sua vez à sua envolvente, dando a conhecer este novo espaço e auxiliando a ruína a contar a sua história. À chegada ao terreno as vias de acesso foram reestruturadas para que esta tenha uma ligação mais direta a Porto Brandão, no entanto qualquer contato com o asilo terá de ser feito de forma pedonal, quer através do percurso quer de forma livre. A ambiência do asilo mantém-se intacta, longe do ruidoso automóvel permitindo uma experimentação sensorial profunda.

No local panótico onde se encontravam os enfermeiros, que antigamente mantinham de baixo de olho os doentes que pelas alas circulavam, desenvolveu-se o edifício administrativo, e nas restantes volumetrias as salas. Da antiga volumetria retivemos as paredes exteriores – infelizmente a nobre escadaria não se encontrava já capaz.

Demolido o interior o Asilo funcionou como casulo, protegendo o novo ser que se gera no seu interior, este novo corpo responde com o respetivo ritmo ao nível de deterioração da sua *casca*. À medida que a ruína se vai desintegrando este novo corpo, uma estrutura em pórtico em madeira e vidro, *estica-se* tornando-se mais permeável. No seu interior surge toda uma nova vivência, sem grande intimidade e com um grande carácter industrial, as salas contribuem para esta ideia de inacabado tomando a forma de grandes caixotes, idênticos entre si, espalhados pelas lajes. Dotados de dupla faceta revelam-se fechados para quem por eles passa, no entanto estes volumes mostram todo um outro lado, abre-se para a ruína aos olhos de quem os habita.

Figura 53  
Axonometria,  
Proposta Asilo  
28 de Maio, do  
autor, 2019





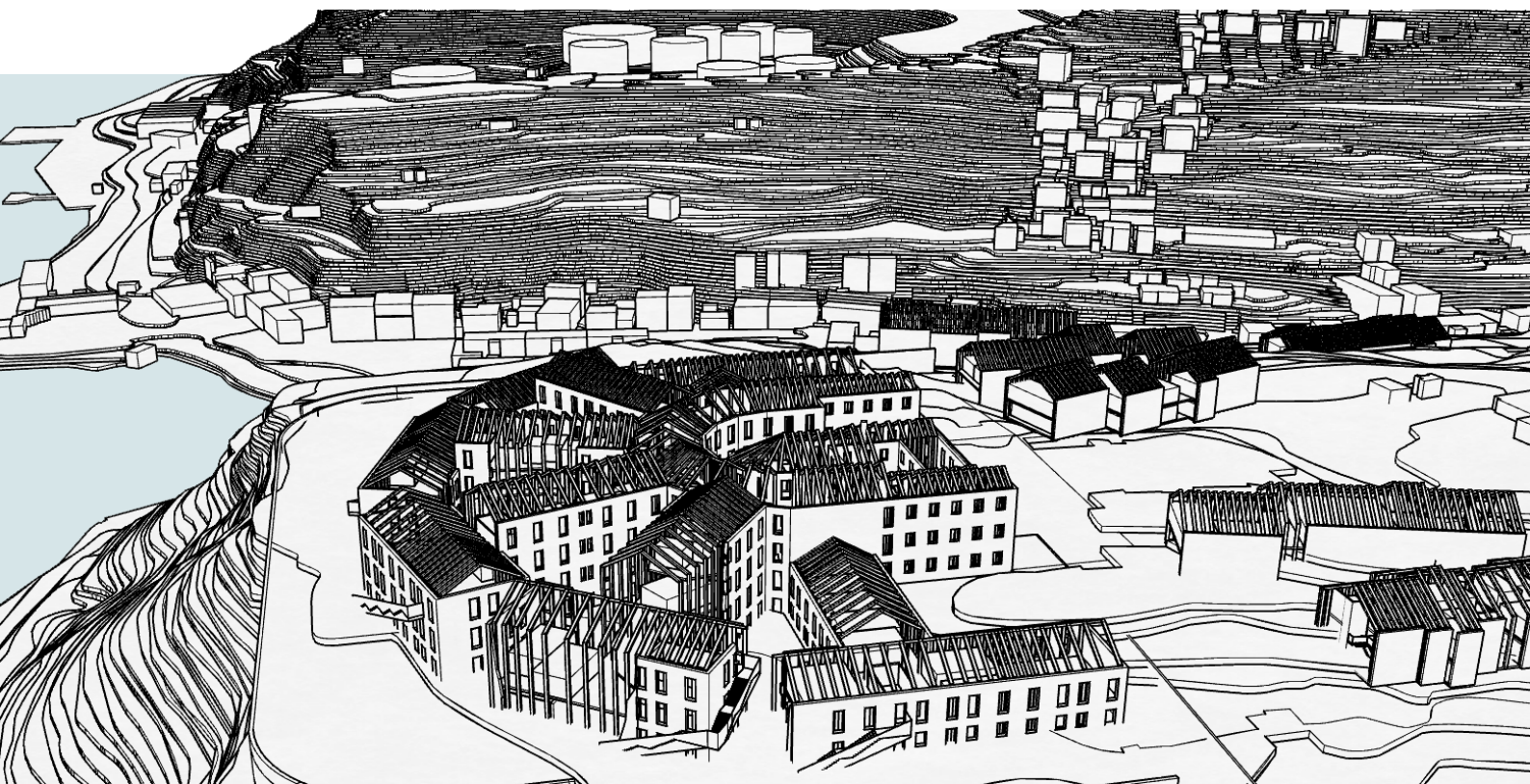
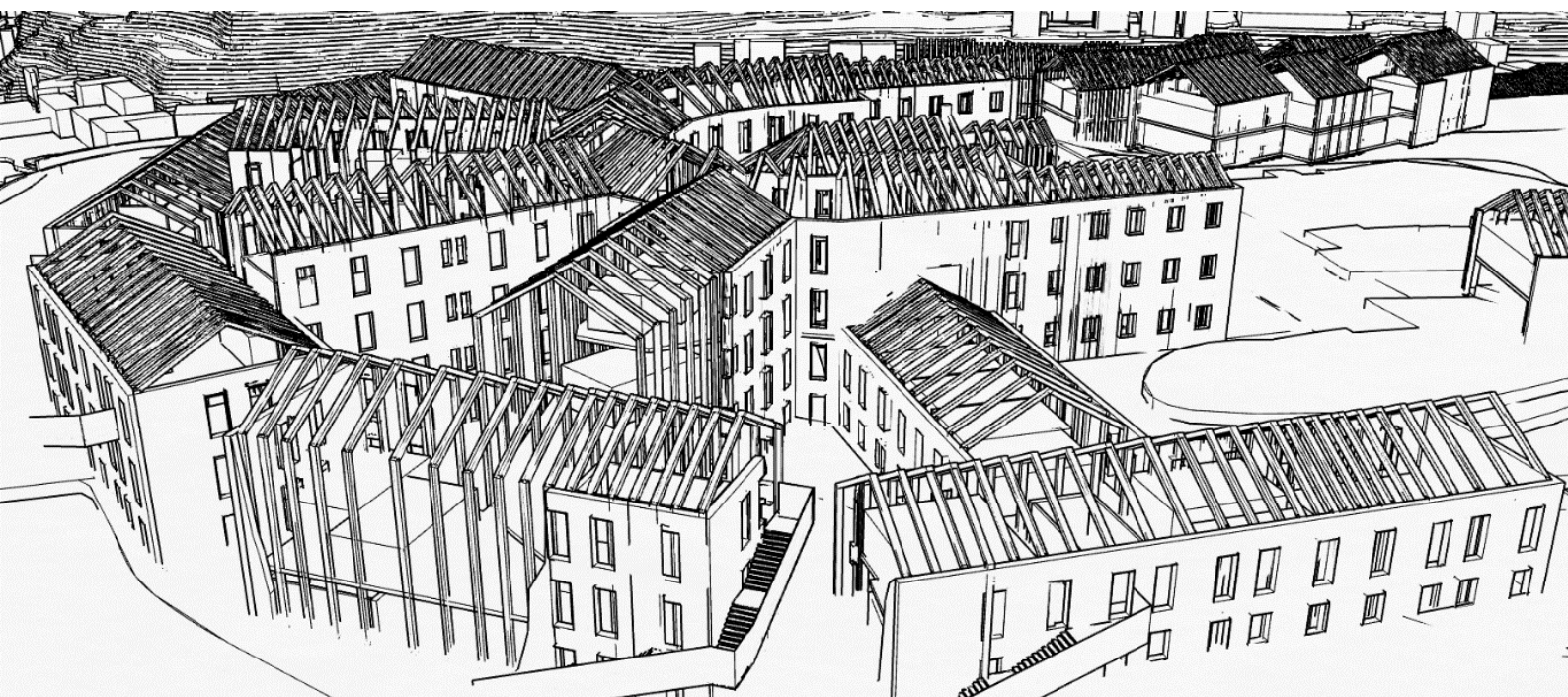


Figura 54  
Conjunto de  
Modelações  
Geométricas,  
Proposta Asilo  
28 de Maio, do  
autor, 2019





Esta nova criatura acompanha a fragmentação da ruína tornando-se mais ou menos permeável, controlando assim, não só a iluminação interior, mas também a vista dos seus utilizadores. Contudo não é só este duplo papel que lhe toca. Esta gaiola é o esqueleto ausente da ruína onde, sem a deformar, a nossa intervenção se insere na ideia de Adaptabilidade. Propomos através de uma reabilitação passiva e explorando a ambiência do espaço gerar uma instituição de ensino dotada de um Ágora, por outras palavras, um espaço público onde sociedade, cultura e natureza encontram no elemento arquitetónico uma base de conectividade.

Figura 55  
Planta Cortes, Vista Topo, do  
autor, 2019

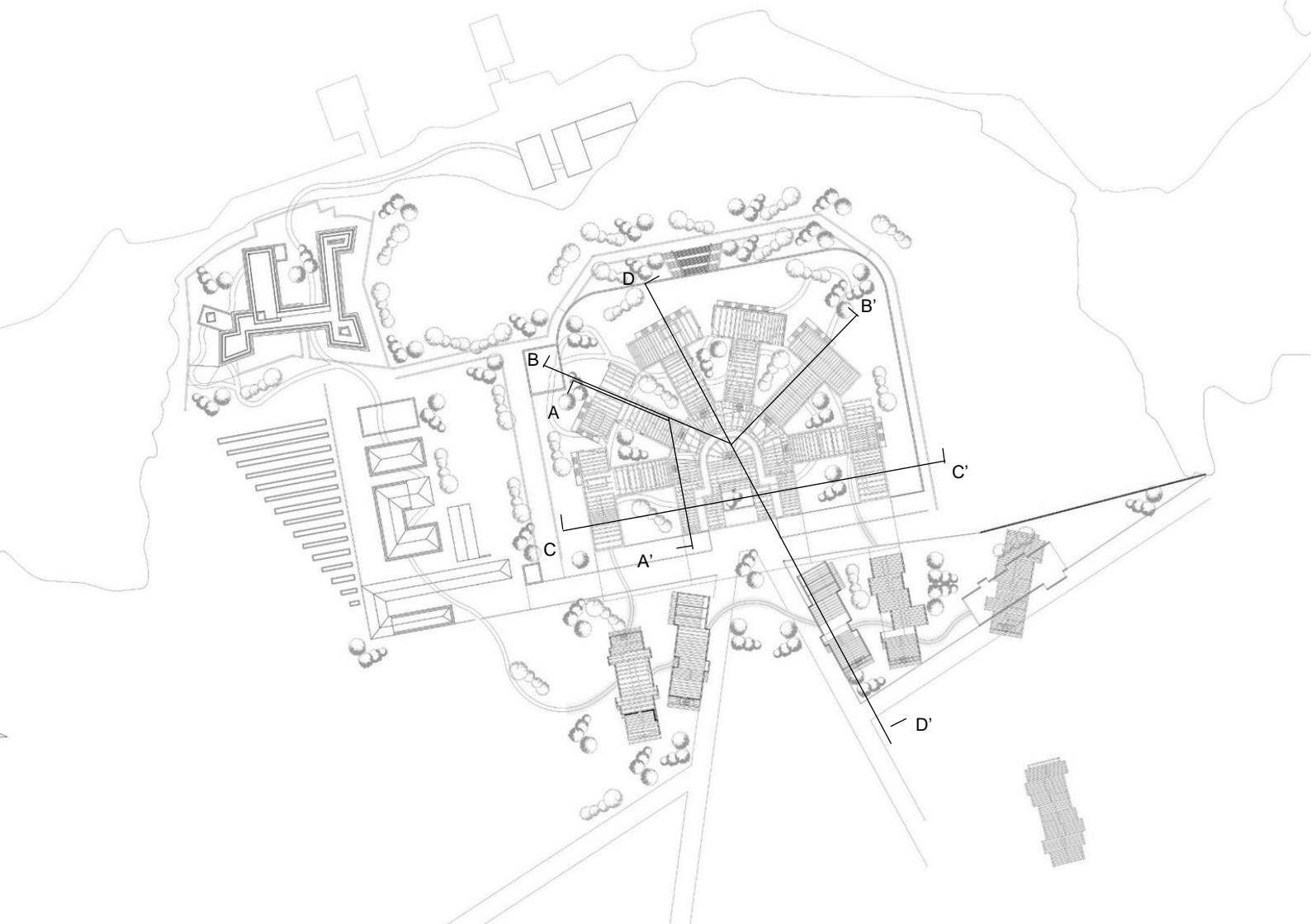


Figura 56  
Corte Perspetivado, Corte  
AA', do autor, 2019

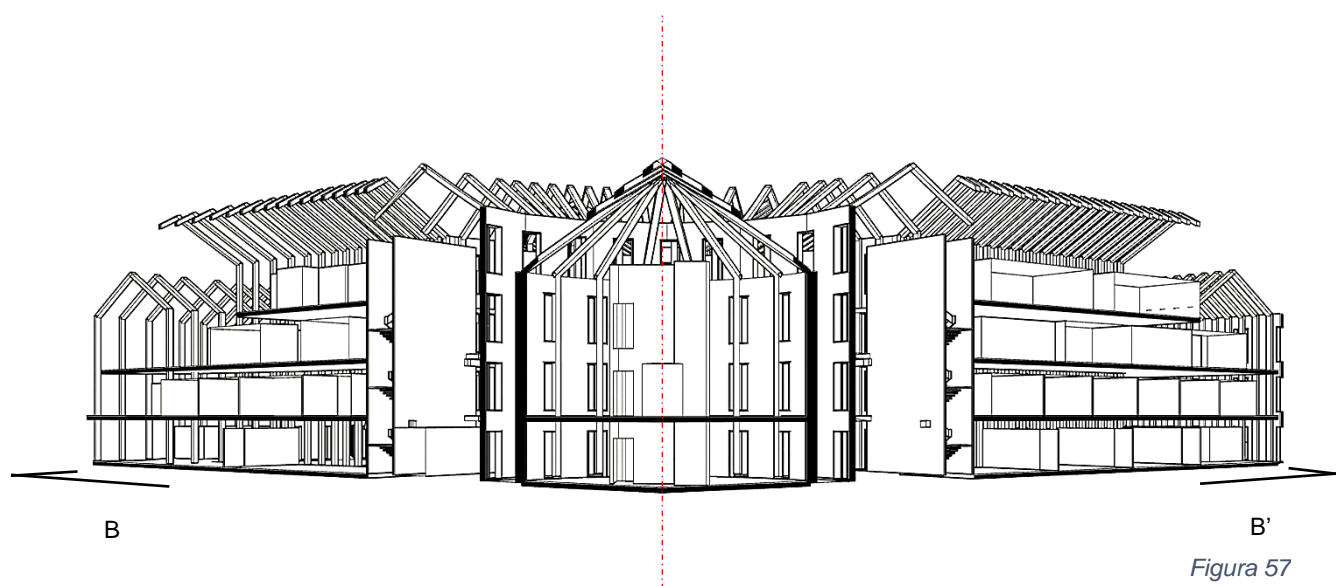
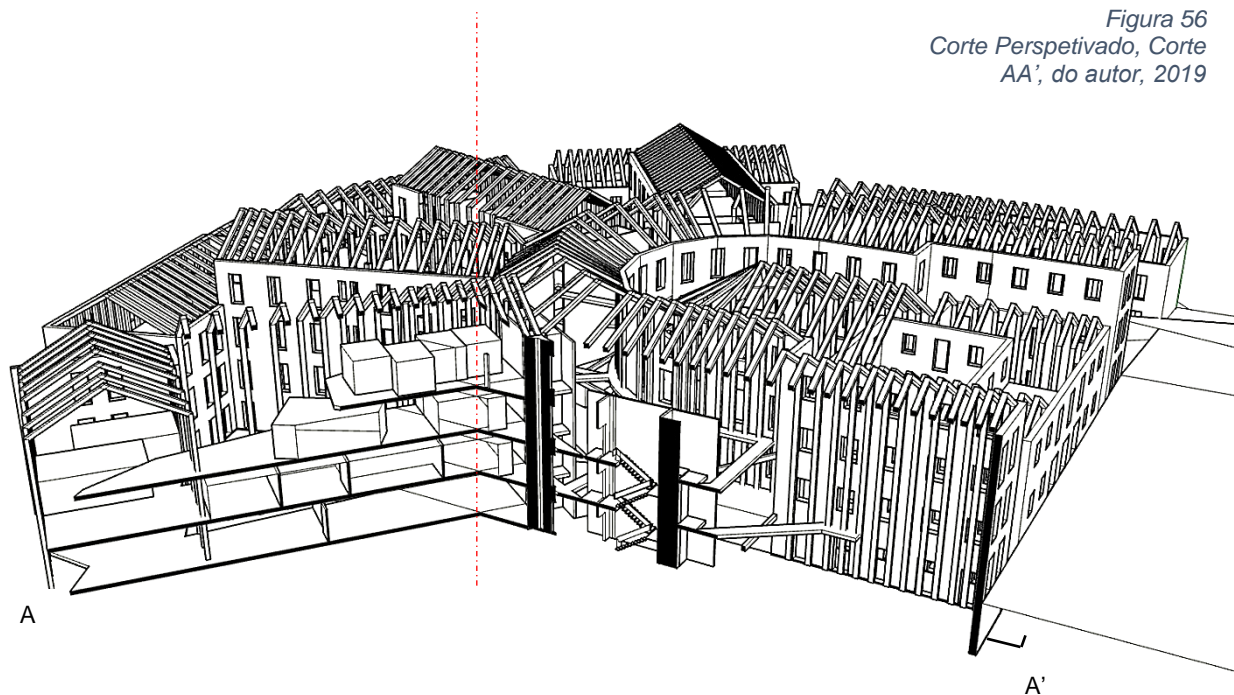


Figura 57  
Corte Perspetivado, Corte BB',  
do autor, 2019

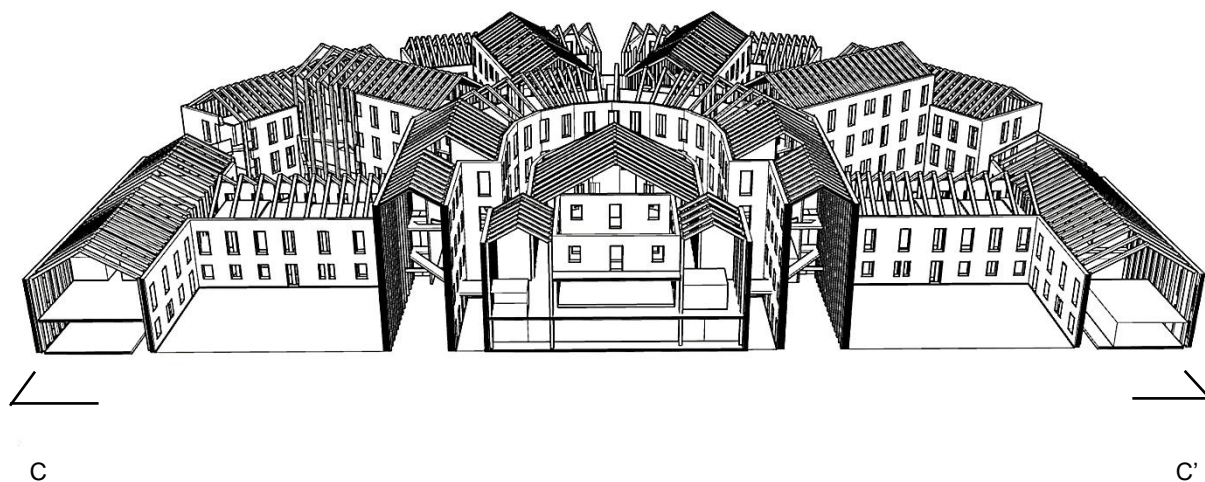


Figura 58  
Corte Perspetivado, Corte CC',  
do autor, 2019

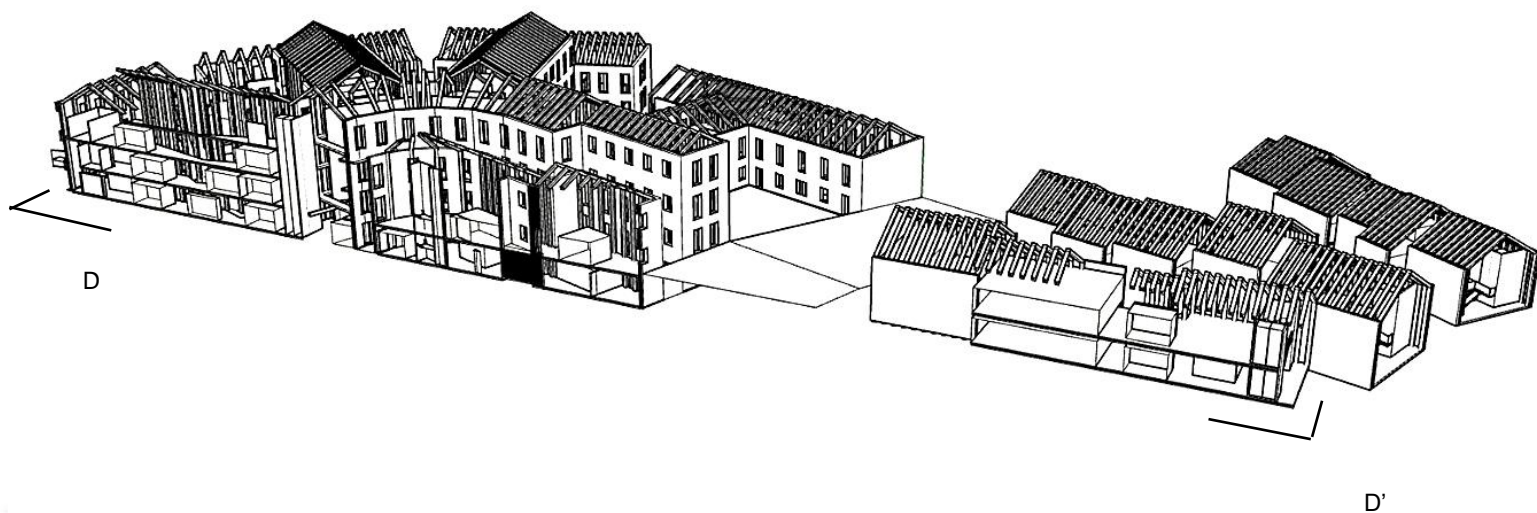


Figura 59  
Corte Perspetivado, Corte DD',  
do autor, 2019

Para entender melhor o território ver nos anexos o vídeo de drone, do autor, mostrando Porto Brandão e o Asilo 28 de Maio,

Para entender melhor o projecto ver nos anexos os desenhos técnicos.

## Conclusão

Procurou-se neste trabalho reunir um conjunto de pesquisas, teóricas e históricas, com o intuito de refletir acerca do processo de reabilitação, neste caso específico no Porto Brandão.

Ao longo destas páginas procurámos fazer um levantamento de algum do património ao abandono ao longo de toda a Margem Sul, desde do deserto da Lisnave até à autoconstrução na Cova do Vapor. Partindo da *voicefulness* dos edifícios (Ruskin) emergiu dessa análise a construção da *Lista*, – um levantamento dos principais pontos de referência da zona –, onde, com um *ouvido* atento, elegemos Porto Brandão, mais concretamente o seu Conjunto Arquitetónico – Forte de São Sebastião de Caparica, o *Lazareto Novo* e as demais volumetrias, o nosso objeto empírico. Nesta fase do trabalho foi fundamental o trabalho de campo através da observação no terreno, assim como a análise histórica do território e a análise teórica que surgiu à volta dos conceitos: ruína, sentidos, história de Almada, acupuntura urbana, entre outros.

Escolhido o local e o objeto empírico, estudou-se no capítulo 1 o mundo sensorial e a sua relação com as ruínas. Foi após o entendimento desta equação e de compreender de que forma esta ambiência gerada tem a capacidade de tocar a memória dos seus utilizadores que procurámos perceber de que forma poderíamos atuar sobre o Lazareto. Para tal foram fundamentais dois conceitos: o de Acupuntura Urbana, que constitui uma ferramenta chave no planeamento, envergando por uma vertente mais flexível e utilizando uma estratégia mais pontual que procura a participação dos seus utilizadores; mas sobretudo o conceito de flexibilidade através da análise de Hugo Farias que nos guiou para a melhor forma de atuar sobre a ruína. No capítulo 2, fizemos uma breve análise histórica da cidade de Almada, onde se tornou muito clara a importância daquele espaço no passado. É deste conhecimento teórico e histórico adquirido que, em conjunto com a observação do local começou a ganhar forma, a proposta de intervenção que aqui se apresenta.

É com um *ouvido* atento que entramos no capítulo IV, onde partindo da *Lista* já elaborada com o levantamento dos possíveis locais a intervir, nos foi possível *entrevistar* cada um dos elementos separadamente a fim de eleger o Conjunto Arquitetónico do Porto Brandão como objeto de estudo.

A intervenção tem assim por base a ruína do Lazareto Novo, uma parte do Conjunto Arquitetónico do Forte de São Sebastião de Caparica. Localizado do topo da colina, à direita da localidade acima mencionada, onde embora já em ruína ainda se revela imponente.



Procurou-se explorar essa ambiência nostálgica que envolve o Lazareto, contudo, readaptando-o, procurando a sua reabilitação em prol da revitalização de Porto Brandão, procurando no mundo sensorial uma relação direta com o estímulo da memória. Defendemos uma intervenção que contrarie a permanência destes espaços e a sobreposição dos seus fluxos. Privilegiou-se por esse motivo o espaço público como mote para a revitalização do Porto Brandão. Foi com esse intuito que aqui exploramos o percurso e o Jardim de Inverno, contemplando espaços de cultura, lazer e partilha, uma *Ágora* moderna onde a vivência humana e a natureza encontram no elemento arquitetónico um conector. Para tal coube-nos entender o conceito de flexibilidade partindo de uma consciência interdisciplinar, conjugada com um respeito pela memória.

Na procura pela preservação desta ambiência e do estímulo da sua memória procuramos entender de que forma o nosso sistema sensorial lê a envolvente e de que forma influencia o nosso processo de criação de memórias, levando-nos à conclusão de que as sensações não visuais se revelam como marcas na nossa memória, por vezes mais intensas que a própria visão.

A flexibilidade na arquitetura, um conceito que parece recente mas no entanto já há muito que tem vindo a ser trabalhado, é uma das ferramentas principais da intervenção pois permite ter em conta as mudanças que vão ocorrendo na sociedade. Por outro lado, um entendimento das questões do património implica não esquecer a preservação da sua memória, servindo-se desta como estimulante e conector social.

Com o intuito de melhorar o nível de vida da população, procura-se gerar novos *ofícios* para o edificado ao abandono de acordo com as necessidades locais. É com este foco que abordamos os projectos de referência, reabilitações que têm por base do desenho a ruína, adaptadas a novas funções. Embora nem todos os projetos de referência sejam reabilitações, todos eles serviram de auxílio no desenvolvimento da intervenção.

Hoje em dia cada vez mais e mais técnicas de reabilitação vão surgindo e sendo estudadas. Algumas delas, preservando a memória e o conforto sensorial do seu utilizador, procuram explorar a forma como experienciamos a arquitetura. Com o intuito de escapar à rigidez de novas arquiteturas tornou-se necessária uma mudança de hábitos, de maneiras de ver e de fazer, o que originou uma corrente de pensamento que põe em causa o arquiteto vedeta e a excessiva racionalidade no desenho. Este trabalho final de mestrado procurou encontrar aí novos hábitos e nos conceitos implícitos uma forma diferente de reabilitar, preservando no local, a sua história, a sua cultura e readaptando a sua ambiência.

Por fim, sugere-se que, numa continuidade ao presente estudo, se desenvolva qualquer um dos elementos da *Lista* ou até mesmo dentro do próprio Conjunto Arquitetónico

de Porto Brandão. Partindo de conceitos analisados – Memória, Sensações, Reabilitação, Flexibilidade e Adaptabilidade – visando uma revitalização de toda a Margem Sul.

## Bibliografia

Augé, M. 1994. *Não-Lugares*, São Paulo, Papirus.

Aguiar, J., Costa, M. R., Ribeiro, V. 2014. *Reabilitar a reabilitação e continuar inovando*, Homeland: News from Portugal, 2ª edição.

Almeida, J. G. 2011. *Torre de S. Sebastião da Caparica - Lugares Esquecidos* [Em linha]. Lisboa: phpBB: Lugares Esquecidos. Disponível em: <http://lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=605> [Consult. 10 Janeiro 2019].

Belo, A. 1998. *Fortaleza da Torre Velha/Torre de São Sebastião de Caparica* [Em linha]. Lisboa: SIPA. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4670](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4670) [Consult. 10 Janeiro 2019].

Choay, F. 2011. *As Questões do Património*, Lisboa, Edições 70.

Choay, F. 2010. *Novos Princípios do Urbanismo*, Lisboa, Livros Horizonte.

Choay, F. 1998. *O Urbanismo*, São Paulo, Perspectiva

Castells, M. 2012. *A Sociedade em Rede*, Lisboa, Gulbenkian.

Casagrande, M. 2015. *Paracity: Urban Acupuncture* [Em linha]. Nápoles: TEDx. Disponível em: <https://youtu.be/hrmQjggSB0s> [Consult. 20 Outubro 2018]

Direcção-Geral de Administração Política e Civil, 1973. *Dec. Lei n.º308/73 de 16 de Julho*. Diário do Governo, 21 de Julho de 1973.

Douglas, J. 2006. *Building Adaptation 2nd edition*, Amsterdam, Butterworth-Heinemann.

Dores, R. 2015. *Porto Brandão: A Outra Margem de Lisboa vai Limpar a Face* [Em linha]. Lisboa: Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/porto-brandao-a-outra-margem-de-lisboa-vai-limpar-a-face-4826427.html> [Consult. 10 Janeiro 2019].

Eme, L. 2009. *Arealva, Memórias Dispersas no Tempo* [Em linha]. Almada: Casario do Ginjal. Disponível em: <http://casariodoginjal.blogspot.com/2009/02/arealva-memorias-dispersas-no-tempo.html> [Consult. 10 Janeiro 2019].

Flores, A. M. 1994. *Almada das Origens à Elevação a Cidade*, Almada, C.M. Almada.

- Farias, H. 2017. *Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, Adaptabilidade, Ambiguidade Funcional e Desierarquização do Espaço Domestico*. EAAE/ARCC, 10th, 353-360.
- Ferro, C. 2018. *Lisnave. Memória da empresa que até nas greves era referência*. [Em linha]. Lisboa: Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/19-nov-2018/interior/lisnave-memorias-da-empresa-que-ate-nas-greves-era-referencia--10196914.html> [Consult. 10 Janeiro 2019].
- Gama, A. 2018. *Património Abandonado* [Em linha]. Almada: Notícias da Gandaia (concelho de Almada). Disponível em: <http://gandaia.info/?p=13780> [Consult. 10 Janeiro 2019].
- Granadeiro, R. 2014. *Almada Virtual Museum: Quarentena* [Em linha]. Almada: Almada Virtual Museum. Disponível em: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/09/quarentena.html> [Consult. 10 Janeiro 2019].
- Hertzberger, H. 1999. *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes.
- Hall, E. T. 1986. *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Lopes, M. 2012. *Fortaleza da Torre Velha, em Almada, passa a Monumento Nacional*. [Em linha]. Lisboa: Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/04/26/local/noticia/fortaleza-da-torre-velha-em-almada-passa-a-monumento-nacional-1543686> [Consult. 10 Janeiro 2019].
- Lerner, J. 2010. *Cómo Pensar Una Ciudad* [Em linha]. Buenos Aires: TEDx. Disponível em: <https://youtu.be/IXGY0X-wdjl> [Consult. 20 Outubro 2018]
- Lerner, J. 2010. *Urban Acupuncture: Na Evening with Jaime Lerner* [Em linha]. Buenos Aires: TEDx. Disponível em: <https://youtu.be/4v0il7jFC10> [Consult. 20 Outubro 2018]
- Lerner, J. 2010. *Histórias de Arquitetos 10: Jaime Lerner, acupuntura urbana e a sustentabilidade* [Em linha]. Curitiba: MondoArq. Disponível em: <https://youtu.be/9IBSW6XI5BI> [Consult. 20 Outubro 2018]
- Mira, S. 2006. *Retratos de Uma Cidade Branca*, Prática(mente), Lisboa, Edel.
- Moura, D., Guerra, I., Seixas, J. & Freitas, M. J. 2005. *Revitalização Urbana*. ISCTE/ CET, Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Públicas de Revitalização: Reflexo para Formulação Estratégica e Operacional da Actuações a Concretizar no QREN.

Ministério da Educação, 1999. *Despacho Normativo nº 27/99*. Diário da República, 27/99, 2906 – 2928.

Mendonça, I. 1992. *Casa e Capela da Quinta de São Lourenço* [Em linha]. Lisboa: SIPA. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2141](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2141) [Consult. 10 Janeiro 2019].

Moreira, C. F. *Marcelo chamado a ver como vivem os miúdos do 2.º Torrão* [Em linha]. Lisboa: Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/02/07/local/noticia/associacao-do-bairro-do-2-torrao-1802174> [Consult. 10 Janeiro 2019].

Ortegosa, S. M. 2009. *Cidade e Memória: do Urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar*. Arquitectos, 112.07, 2-6.

Pallasmaa, J. 2011. *Os Olhos da Pele*, Porto Alegre, Bookman.

Policarpo, A. M. N. 2013. *Memórias da Nossa Terra e da Nossa Gente*, Almada, Junta de Freguesia de Almada.

Sennett, R. 2003. *Carne e Pedra*, Rio de Janeiro, Record.

Solà-Morales, M. 2008 *De Cosas Urbanas*, Barcelona, Editora Gustavo Gili

Santiago, M. S. C. 2017. *Re-habitar as Ruínas e os Vazios do Barreiro*. Dissertação, Trabalho Final de Mestrado em Arquitectura.

Silva, C. 2015. *Cova do Vapor. A praia da Caparica que cai sempre bem* [Em linha]. Lisboa: Jornal i. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/398127> [Consult. 10 Janeiro 2019]

Silva, G. B. E. 2010. *A Quinta da Arealva – Almada* [Em linha]. Lisboa: Ruin'Arte. Disponível em: <http://ruinarte.blogspot.com/2010/05/quinta-da-arealva-almada.html> [Consult. 10 Janeiro 2019].

Sobral, C. 2011. *A Cova do Vapor não é um bairro de lata, é “um tesouro fantástico”* [Em linha]. Lisboa: Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2011/07/24/jornal/a-cova-do-vapor-nao-e-um-bairro-de-lata-e-um-tesouro-fantastico-22551467> [Consult. 10 Janeiro 2019]

Venturi, R. 1995. *Complexidade e Contradição em Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes.



## **Anexos**

## Índice de Anexos

### Desenhos:

- 01 – Planta de Localização
- 02 – Planta Conjunto Arquitectónico
- 03 – Planta Piso -1
- 04 – Planta Piso 0
- 05 – Planta Piso 1
- 06 – Planta Piso 2
- 07 – Vista Topo
- 08 – Alçado Norte
- 09 – Alçado Poente
- 10 – Alçado Sul
- 11 – Alçado Nascente
- 12 – Corte AA'
- 13 – Corte BB'

### FORMATO DIGITAL:

- 14 – Vídeo, do autor: Vista aérea do Porto Brandão e do Conjunto Arquitectónico do Forte de São Sebastião de Caparica.